

## 160 da fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores: Instituto de Estudos Libertários entrevista René Berthier



Delegados no Congresso da Basileia (1869)

Junho de 2024

### 1) Qual foi o impacto da AIT por ocasião de sua fundação, em 1864?

Tende-se a pensar que a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864 é o início de algo importante, tanto mais importante quanto a vulgata marxista atribui ao autor do *Manifesto Comunista* um papel absolutamente desproporcionado. Na verdade, a AIT é o culminar de iniciativas que aconteceram muito antes<sup>1</sup>, é de alguma forma o resultado de múltiplas determinações históricas, entre as quais se poderia citar a herança dos movimentos revolucionários e democráticos de 1848 (daí a importância atribuída à questão polaca pela organização internacional), mas também a crescente mundialização da produção e do comércio que obriga o proletariado a encontrar meios de defesa inéditos.

<sup>1</sup> • Em 1834, a Jovem Europa de Mazzini tinha como objetivo forjar uma federação republicana europeia.  
• Em 1855, uma “Associação Internacional” foi fundada em Londres por emigrantes socialistas ingleses, alemães, belgas, poloneses e franceses<sup>1</sup>, mas foi dissolvida após quatro anos devido a divergências internas.  
• De 19 de julho a 15 de outubro 1862, trabalhadores franceses viajaram para a Exposição Universal em Londres para estudar os processos industriais ingleses. A viagem deu origem a intercâmbios entre trabalhadores franceses e ingleses, dando origem à ideia de uma associação internacional.  
• Outros contatos ocorreram: em julho de 1863, em uma reunião organizada em Londres em apoio aos insurgentes de Pôlon. Houve um encontro entre sindicalistas ingleses e parisienses (incluindo o proudhoniano Henri Tolain).  
• Em um contexto internacional muito tenso – a França e a Inglaterra estavam à beira da guerra – a Liga Internacional pela Paz e Liberdade, uma associação pacifista, foi fundada em 1867. Ela deu continuidade a uma “Sociedade da Paz” fundada em 1830. Bakunin participou do primeiro congresso da Liga da Paz em 1867, organizado em Genebra pelo pacifista francês Charles Lemonnier e pelo jurista Emile Acolas – um congresso fortemente apoiado pela Maçonaria, com a participação de lojas de Genebra, Itália, França e Bélgica. Bakunin também era maçom, e sua participação no congresso não foi por acaso. Bakunin ganhou fama nesse congresso em uma época em que, não sendo ainda um anarquista, acreditava que poderia reunir os democratas radicais em torno da causa do proletariado. Foi durante esse congresso que ele percebeu a futilidade desse projeto: deixou o congresso levando consigo 80 pessoas com as quais formou a Aliança Internacional da Democracia, juntou-se à AIT e se uniu definitivamente e exclusivamente à causa da classe trabalhadora. É importante ressaltar que foi em uma carta a Karl Marx que ele explicou essa mobilização. Sem dúvida, foi o fracasso de seu projeto de juntar a burguesia democrática à causa dos trabalhadores que o levou a descrever a Maçonaria como uma “velha intrigante tagarela” (“Aos companheiros da Associação Internacional dos Trabalhadores de Le Locle e La Chaux-de-Fonds”, 1869)

A AIT foi antes de tudo o resultado de uma iniciativa anglo-francesa. James Guillaume escreveu com alguma razão que a Internacional era “uma criança nascida nas oficinas de Paris e fomentada em Londres”. Falando de Marx, o companheiro de Bakunin acrescenta: “Ele entrou para a Internacional no momento em que a iniciativa dos trabalhadores ingleses e franceses tinha acabado de criá-la. Como o cuco, ele veio pôr o seu ovo num ninho que não era dele. O seu objetivo era, desde o primeiro dia, fazer da grande organização dos trabalhadores o instrumento de suas opiniões pessoais”<sup>2</sup>.

Os adeptos de Proudhon estiveram presentes desde o início, eles foram, com os seus camaradas ingleses, seus *co-fundadores*: a influência de Proudhon foi então decisiva no movimento operário francês, mesmo que seu pensamento fosse muitas vezes mal-entendido por seus sucessores, e usado de forma errada<sup>3</sup>. No entanto, o princípio da associação dos trabalhadores, a autonomia dos trabalhadores em relação ao capital e ao Estado, a gestão da produção pelos próprios produtores – ou seja, a autogestão – e a noção de federalismo em matéria política e econômica etc., constituem uma base comum para o movimento operário francês: são aspirações que vêm das profundezas da classe trabalhadora e são frequentemente expressas de uma forma confusa, mas firme, em Proudhon. A iniciativa de criar uma organização internacional pertence, portanto, a dois grupos de trabalhadores envolvidos nas lutas em seus respectivos países: um grupo de dirigentes sindicais ingleses e um grupo de mutualistas proudhonianos franceses.

**Os ingleses.** A classe trabalhadora inglesa estava poderosamente organizada no nível sindical. Em 1859, uma grande greve dos trabalhadores da construção de Londres confrontou os dirigentes sindicais com a necessidade prática de solidariedade com o movimento operário continental para impedir a contratação de não grevistas. A Internacional desenvolveu-se na Inglaterra, mas os seus efetivos declinaram muito rapidamente e ela não deixou nenhuma influência significativa no movimento laboral daquele país. A AIT só se manifestou na forma da relação pessoal de Marx com os líderes sindicalistas. Os membros ingleses representaram inicialmente o maior grupo da nova organização: 25.000 em 1866, 50.000 em 1867; mas isto representava uma fração ínfima da massa do movimento sindical inglês. Além disso, não havia nenhuma federação inglesa. As contribuições foram irregulares.

Marx rapidamente percebeu que a confusa reunião de Saint Martin’s Hall constituía um evento que seria absolutamente decisivo para o futuro do movimento

<sup>2</sup> James Guillaume, *Karl Marx pangermaniste*, (Reprint from the collection of the University of Michigan Library). [http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/j.\\_guillaume\\_karl\\_marx\\_pangermaniste.pdf](http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/j._guillaume_karl_marx_pangermaniste.pdf)

<sup>3</sup> É difícil imaginar hoje a influência das ideias de Proudhon na Europa de seu tempo. Seus artigos de jornal foram lidos apaixonadamente pelas classes trabalhadoras. Sua *Primeira Memória* (“O Que É Propriedade?”, descrito como “o manifesto científico do proletariado francês” por Marx), sua *Justiça* (“um dos livros mais importantes do século XIX”, segundo H. de Lubac), e sua *Capacidade Política* (“este catecismo do movimento operário francês”, segundo o sociólogo Georges Gurvitch), fez dele um dos líderes do socialismo europeu. Assim que os seus livros foram publicados, foram traduzidos para o alemão, o espanhol e o russo. Engels, mais uma vez, reconhece a extensão da influência de Proudhon no prefácio de 1890 do *Manifesto Comunista*.

sindical internacional. Infelizmente, as considerações sórdidas de baixa estratégia levarão Marx a impedir a todo custo a formação de uma Federação Inglesa: esta vai se constituir só muito mais tarde, e em oposição à liderança “marxista” da Internacional.

**Os franceses.** O movimento operário francês tinha sofrido uma repressão feroz após a revolução de 1848 e durante o regime imperial de Napoleão III. Em 1861, os tipógrafos parisienses fizeram uma grande greve. Uma nova geração de ativistas tinha surgido, influenciada por teses de Proudhon e defendendo a associação de trabalhadores, a organização de cooperativas, o crédito mútuo. Ao contrário da Inglaterra, o movimento operário francês não tinha organizações poderosas, mas possuía tradições, uma cultura, que o leva a reivindicar autonomia. Havia também um movimento associativo bem estabelecido – reformista, é claro, mas que desconfiava da burguesia e opunha-se a qualquer colaboração política com ela; assim, a influência de Proudhon se via muito presente.

Em 22 de julho de 1864, uma assembleia reuniu os principais líderes sindicais de Londres e seis trabalhadores franceses. No dia seguinte, os ingleses acolheram os franceses numa reunião restrita em que foram lançadas as bases de um acordo. A Associação Internacional dos Trabalhadores foi definitivamente formada durante uma viagem de Tolain e Perrachon, acompanhados por Passementier, a Londres em setembro de 1864.

Em 29 de setembro de 1864, em uma reunião no Saint Martin’s Hall, a AIT foi oficialmente constituída. Foi aprovado o projeto francês de criação de seções na Europa ligadas por um comitê central. A nova organização, essencialmente franco-inglesa, inclui, no entanto, imigrantes poloneses (que certamente não eram trabalhadores). Nesse momento, Marx era apenas um exilado alemão que aderiu à subcomissão responsável pela redação dos estatutos. Em seguida, tornou-se Secretário Permanente para a Alemanha: não exercerá qualquer outro cargo oficial na Internacional.

### ***Uma Estrutura de Tipo Sindical***

A estrutura criada é, em princípio, a de uma associação sindical de trabalhadores, mas, na realidade, a Internacional acabará por ser um conglomerado composto por grupos sindicais, cooperativas, grupos nacionais, grupos de propaganda. Um Conselho Geral estabelece relações entre as diferentes associações de trabalhadores de tal maneira que os trabalhadores de cada país estejam constantemente conscientes dos movimentos de sua classe nos outros países.

Além do Conselho Geral, devem ser formadas federações nacionais e seções locais de trabalhadores. A Internacional realizará congressos anuais soberanos. O movimento sindical inglês (as *Trade Unions*) recusa-se a aderir. No entanto, as seções aparecerão muito rapidamente na França, Bélgica, Suíça, Espanha, Itália e Holanda. Note-se que nunca houve uma federação alemã, embora os alemães estivessem super-representados no Conselho Geral. Em preparação para o Congresso de Haia, que deveria excluir Bakunin e James Guillaume, Engels reconheceu que as seções alemãs tinham enviado apenas algumas centenas de contribuições ao Conselho Geral.

A partir de 1866, a AIT foi marcada por uma profunda evolução. Na Europa, o setor do artesanato, que continua a ser importante, está diminuindo face ao desenvolvimento da grande indústria e do maquinismo. Esta reestruturação da produção conduz a movimentos de preços, salários, demissões, desemprego, crises cíclicas. Um movimento de greves espalhou-se e intensificou-se por toda a Europa, cuja repressão, muitas vezes feroz, apenas aumentou a influência da Internacional, fundada somente dois anos antes. As greves, que até então tinham um carácter fortuito, tornaram-se verdadeiras batalhas de classes, permitindo que os trabalhadores experimentassem em primeira mão a solidariedade que por vezes lhes chega do estrangeiro.

As revoltas desses trabalhadores são principalmente desencadeadas por condições locais e fatores econômicos: pressão dos empregadores sobre as organizações de trabalhadores, salários mais baixos, horários de trabalho aumentados, preços mais elevados, tentativas dos trabalhadores em obter melhores condições de trabalho. A maioria dos trabalhadores desconhece a existência da AIT. É durante as lutas que eles lideram, que os trabalhadores descobrem sua efetiva solidariedade. Se a Internacional não intervém na eclosão de greves, manifesta-se através de apelos à solidariedade transfronteiriça, organiza recolhas, envia dinheiro para os grevistas.

A AIT incentiva e trabalha para a formação de sindicatos, o reagrupamento das forças dos trabalhadores. Foi graças à sua intervenção que os trabalhadores em bronze parisienses saíram vitoriosos do confronto, que os trabalhadores em edifícios de Genebra finalmente triunfaram. Para os trabalhadores insatisfeitos com seu destino, seus jornais oferecem críticas à ordem social e soluções. Até 1866, os apoiadores belgas e franceses de Proudhon se opunham às greves, mas a partir de 1867 puderam ver o grande valor da greve no campo da propaganda, da solidariedade e da unidade dos trabalhadores<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> A Proudhon é creditada a ideia de que ele se opôs às greves. Mas ele disse apenas que as greves não podem resolver fundamentalmente a questão social. Alguns autores chegam ao ponto de dizer que Proudhon aprovou o assassinato de grevistas pela polícia; este é o caso particular de Iuri Steklov, historiador bolchevique e autor de uma *História da Primeira Internacional*. Esta acusação deriva de uma leitura errada do texto de Proudhon – o que facilmente acontece quando se lê muito rapidamente. Para Proudhon, as lutas econômicas, como as greves, que ele reconheceu como “o único meio” de defesa dos trabalhadores, são mais ações de desespero do que lutas efetivas adaptadas às necessidades. Além disso, os aumentos salariais têm lugar num sistema cujas leis inerentes anulam os seus efeitos. Proudhon viveu numa época de transição de uma produção predominantemente artesanal para uma economia industrial. Ele não entendeu o que Bakunin havia compreendido perfeitamente: se as greves não mudam fundamentalmente a condição de trabalho, são um poderoso fator de educação revolucionária, unificação da classe trabalhadora e treinamento para lutas mais amplas, uma “ginástica revolucionária”, como diriam mais tarde os sindicalistas revolucionários.

## **Marx e Bakunin: Um Pouco de Perspectiva**

Se a AIT constitui um evento central nas respectivas constituições do anarquismo e do marxismo, uma pequena distância permitiria melhorar a perspectiva, colocando os “teóricos” no seu lugar. O marxista Franz Mehring é um dos poucos a ter percebido a situação com um olhar aguçado. Em sua biografia de Marx, ele escreve de maneira muito relevante sobre a tendência bakuniniana:

“Percebemos que a razão pela qual ela tomou seu nome emprestado de Bakunin foi porque ela acreditava que suas ideias resolveriam os antagonismos e conflitos sociais dos quais ela era o produto”<sup>5</sup>.

Bakunin não estava na posição de líder partidário: era um observador atento das práticas do movimento operário, que analisava e teorizava. Muitos trabalhadores se encontraram em seu discurso porque ele descreveu suas próprias práticas. Franz Mehring, portanto, não tem uma abordagem ideológica sobre a questão<sup>6</sup>, ele faz uma análise racional, em termos de classe, das forças sociais envolvidas. As seções que acreditavam poder confiar em Marx foram aquelas que encontraram nele uma justificativa para sua própria atividade institucional: elas são essencialmente orientadas para a reivindicação do sufrágio universal e o estabelecimento da democracia parlamentar:

1. – Estavam com Marx (até certo ponto), os trabalhadores ingleses, que não eram uma federação da AIT; os líderes sindicalistas estavam apenas usando a Internacional para obter a reforma eleitoral. Depois do Congresso de Haia (1872), a novíssima federação inglesa (constituída oito anos após a fundação da AIT...), revoltada com as intrigas de Marx, se uniu às posições da Federação de Jura, mas sem aderir às chamadas teses “anarquistas”...

2. – A AIT alemã não existia. A lei proibia os alemães de aderir a uma organização internacional, e os socialistas alemães respeitavam a lei, ao contrário dos trabalhadores franceses, espanhóis e italianos e portugueses.

3. – Quanto à seção de Genebra, foi composta pela aristocracia dos cidadãos trabalhadores da indústria relojoeira suíça, que estavam em processo de conclusão de alianças eleitorais com a burguesia radical: “foram apanhados em compromissos eleitorais com os radicais burgueses”, como diz Bakunin.

<sup>5</sup> Franz Mehring, *Karl Marx – Histoire de sa vie*, Éditions sociales, p. 522.

<sup>6</sup> Por abordagem ideológica entendemos a abordagem que consiste, por exemplo, em considerar *A Guerra Civil na França* como um livro de história sobre a Comuna, contendo a verdade sobre esse evento, e não como um livro que expõe as opiniões de Marx sobre o assunto, em um determinado momento e por determinadas razões.

Se Marx e os seus amigos controlavam o aparelho da Internacional, tinham muito pouco apoio no proletariado da época. Marx tentará manobrar, sem sucesso, entre as diferentes correntes do socialismo alemão para que uma federação alemã seja efetivamente representada. As chamadas correntes do socialismo alemão, em disputa permanente, não se interessaram pela AIT durante seu período de constituição, interessaram-se um pouco por ela durante os dois anos de sua maior expansão, e depois perderam o interesse nela: a AIT, e Marx, serviram apenas aos líderes socialistas alemães como instrumentos chamados ao resgate para arbitrar seus conflitos internos. Foi só depois da publicação de *O Capital* que eles realmente se interessaram por Marx, pois ele se tornou uma figura conhecida, e tê-lo ao seu lado era um trunfo na competição que os partidos socialistas estavam fazendo entre si.<sup>7</sup>

A lei que proibia os alemães de aderir a uma organização internacional raramente foi aplicada, mas serviu de álibi para os líderes alemães justificarem a sua falta de envolvimento com a Internacional. Também havia a proibição na França, Espanha, Itália, Bélgica e Portugal, mas isso nunca impediu o desenvolvimento da organização nesses países. No entanto, os trabalhadores alemães estavam interessados nela; o Conselho Geral recebia frequentemente pedidos de ajuda, ou pedidos de adesão de trabalhadores alemães que não encontravam nenhum eco junto aos líderes socialistas de seu país. Marx fez relatórios ao Conselho Geral, nos quais a importância da Alemanha foi muito superestimada. Ampliou consideravelmente qualquer evento que pudesse apoiar a ideia de uma atividade internacionalista na Alemanha.

J. P. Becker, um amigo de Marx (e antigo membro da Aliança Bakuniniana), começou a organizar, com grande sucesso, uma federação de língua alemã, que era uma forma de contornar a lei. Mas Marx opôs-se a ela: uma organização baseada na língua não se prestava a uma estratégia parlamentar nacional, uma vez que teria reunido membros que *falavam* alemão, mas que não podiam *votar* num parlamento alemão. O tempo coincidiu com a fundação do Partido Social-Democrata Alemão e, quando este se desenvolveu, a organização anterior da AIT na Alemanha declinou – fato sublinhado por Franz Mehring em sua *Vida de Karl Marx*. As seções criadas por J. P. Becker foram esvaziadas de sua substância. O Partido Social-Democrata, teoricamente afiliado, tinha uma relação puramente platônica com a Internacional, segundo o próprio Engels:

“[...] a posição do Partido dos Trabalhadores Alemães em relação à Internacional *nunca* foi clara. Ficamos com uma relação puramente platônica; nunca houve nenhum apoio real, nem mesmo pessoas isoladas (com poucas exceções)”<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Veja: R.P. Morgan, *The German Social-Democrats, 1864-1872*, Cambridge University Press, 1965.

<sup>8</sup> Carta de Engels a Theodor Cuno, 7-8 de maio de 1872.

Assim, quando Marx e seus amigos decidiram excluir Bakunin e James Guillaume no Congresso de Haia, em setembro de 1872, ele foi singularmente privado de ativos, além de seu controle sobre o aparelho da organização.

### ***O que está em jogo no confronto***

Quais foram os desafios do confronto entre Bakunin e Marx, feito de múltiplas peripécias e que terminará com a exclusão burocrática de Bakunin e James Guillaume da Internacional?<sup>9</sup>

1. Deveríamos promover partidos políticos nacionais apresentando candidatos para as eleições (posição de Marx) ou devemos manter a estrutura de tipo sindical (posição de Bakunin)?
2. Deve a AIT definir uma política única para todos os seus membros (a posição de Marx) ou deve deixar que as várias seções, que se encontram “em condições tão diferentes de temperamento, cultura e desenvolvimento econômico”<sup>10</sup>, amadureçam através do debate político antes de alcançar uma posição geral (ponto de vista de Bakunin)?<sup>11</sup>

De acordo com Georges Haupt, a recusa de Marx em participar de um debate doutrinário com Bakunin “é sobretudo tática”. Todo o esforço de Marx tende a minimizar Bakunin, a negar qualquer consistência teórica ao seu rival. Ele se recusa a reconhecer o sistema de pensamento de Bakunin “porque Marx procura assim desacreditá-lo e reduzi-lo às dimensões de um líder de seita e conspirador do tipo antigo”<sup>12</sup>.

Seja nos congressos de Genebra ou de Lausanne, em 1867, as posições do Conselho Geral, isto é, de Marx, não suscitaram entusiasmo. As coisas começaram a mudar no Congresso de Bruxelas em 1868. A questão do ensino obrigatório e gratuito é levantada, bem como a da igualdade de direitos para as mulheres. Os mutualistas são derrotados: opuseram-se à análise dos problemas políticos. Para homens como Varlin e César de Paepe, a análise dos problemas políticos não pode ser excluída, mas esses problemas devem ser abordados no seio da Internacional. O Congresso concluiu com esta declaração do Presidente Eugène Dupont:

9 Para ver as várias medidas burocráticas tomadas por Marx e seus amigos para excluir Bakunin e James Guillaume, consulte “Bref rappel des mesures par lesquelles Marx, Engels et quelques-uns de leurs amis exclurent de l’AIT la totalité des organisations adhérentes” (Breve resumo das medidas pelas quais Marx, Engels e alguns de seus amigos excluíram todas as organizações membros da AIT. <https://www.monde-nouveau.net/spip.php?article601>)

10 Bakounine, *Oeuvres*, t. III, éd. Champ libre, p. 179.

11 Bakunin e seus apoiadores não foram os únicos a perceber a posição de Marx como uma vontade de impor um “programa único” à Internacional. Um ativista inglês, pragmático e que não era partidário da tendência bakuniniana, resumiu muito bem a situação: “Sendo assim, é certo que seria impossível adotar uma política uniforme que fosse aplicável a todos os países e em todas as circunstâncias” (*L’internationale, documents et souvenirs*, t. II, éditions G. Lebovici, p. 25).

12 Georges Haupt, *Bakounine: combats et débats*, Institut d’études slaves, 1979.

“Não queremos governo porque ele só serve para oprimir o povo. Não queremos mais exércitos permanentes porque servem apenas para massacrar as pessoas, não queremos religiões porque servem apenas para apagar as luzes e destruir a inteligência.”

Foi no Congresso de Basileia, em 1869, que se chegou a um verdadeiro ponto de viragem. Bakunin é agora membro da Internacional. Os proudhonianos de direita foram definitivamente derrotados na sequência de uma aliança entre bakuninistas, blanquistas e marxistas. Houve um confronto sobre a questão da herança, que não tinha nenhum interesse substantivo, mas que serviu de pretexto para os marxistas contarem os votos. Apresentaram uma alteração à resolução votada, que foi rejeitada. O peso respectivo das diferentes correntes pode ser determinado a partir dos votos expressos sobre as várias emendas ou moções:

- 63% dos delegados da AIT se reúnem em textos coletivistas “bakuninianos”;
- 31% estão agrupados em textos “marxistas”;
- 6% mantêm suas convicções mutualistas (proudhonianos).

Tal situação é obviamente inaceitável para Marx. É depois do Congresso de Basileia que começaram os ataques mais violentos contra o revolucionário russo. “Este russo, é claro, quer se tornar o ditador do movimento operário europeu. Deixe-o cuidar de si mesmo, se não será excomungado”, profetizou Marx em carta a Engels, datada de 27 de julho de 1869. É exatamente isso que vai acontecer. As intrigas de Marx e seus seguidores levaram às decisões da Conferência de Londres de 1871 (decisão de excluir Bakunin e James Guillaume) e do Congresso de Haia em 1872 (sua exclusão real).

Essa conferência em Londres foi uma reunião confidencial entre Marx e delegados escolhidos, sobre a qual Bakunin comentou: “Sabemos como essa conferência foi manipulada; ela foi feita com íntimos do Sr. Marx, cuidadosamente selecionados por ele mesmo, e alguns poucos fantoches. A Conferência votou tudo o que ele achou conveniente propor, e o programa marxiano, transformado em verdade oficial, tornou-se um princípio obrigatório para toda a Internacional”.<sup>13</sup>

A conferência de Londres era composta por vinte e três membros, treze dos quais – a maioria – eram membros do Conselho Geral e nomeados por ele, e não tinham mandato. Sete desses membros não eleitos atuavam como secretários correspondentes de vários países que não estavam representados na Conferência<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Bakounine, *Écrit contre Marx*, Œuvres, Champ libre, III, 167.

<sup>14</sup> “Esses treze membros do Conselho Geral, que não tinham mandato, formaram sozinhos a maioria da Conferência, composta por vinte e três membros.” James Guillaume, *L’Internationale, documents et souvenirs*, t. II, 3<sup>e</sup> partie, p. 194.

Mas o Conselho Geral havia indicado outros seis de seus membros para representá-lo. Apenas nove pessoas foram delegadas por seções: seis delegados belgas [um dos quais também era membro do Conselho Geral], dois delegados suíços e um delegado espanhol. James Guillaume observa que havia um desconhecido sem mandato.<sup>15</sup> Bakunin comentou:

“É justo acrescentar a essa lista as filhas de Karl Marx, que tiveram permissão para participar da última reunião dessa conferência secreta. A crônica não diz se a conferência deu a elas o direito de votar; ela poderia ter feito isso sem derrogação, porque essas jovens tinham tantos títulos para representar o proletariado internacional quanto o maior número de delegados.”<sup>16</sup>

Enquanto, no plano teórico, muitas coisas aproximam Marx e Bakunin, eles se opõem radicalmente no projeto político e na estratégia a ser adotada. Para Marx, o proletariado deve tomar o poder usando as formas institucionais criadas pela burguesia: o Parlamento. Ele e Engels estão convencidos de que onde existem instituições representativas e democracia política, os trabalhadores poderão adquirir “supremacia política” porque estão em maioria. A utilização de formas de ação extraparlamentares – a violência – é considerada marginalmente e para impor o sufrágio universal e as formas parlamentares. Bakunin acredita que a burguesia, mesmo que seja liberal, usará os mesmos meios que os regimes descritos como autoritários para derrotar a revolução. Ele acredita que a burguesia nunca se permitirá ser despojada de sua propriedade e privilégios por meios democráticos: “O despotismo governamental nunca é tão formidável e violento como quando se baseia na suposta representação e pseudovontade do povo.”<sup>17</sup>

Para Marx e Engels, a recusa em participar das eleições é percebida como uma recusa de qualquer ação política, porque, segundo eles, a ação política só pode ser parlamentar. Engels acusará os partidários de Bakunin: “Estes senhores exigem abstenção completa de qualquer ação política, em particular a não participação em todas as eleições”<sup>18</sup>. Mas Bakunin considera que a ação política não se limita à participação em órgãos parlamentares, mas na luta de classes de maneira geral. Na verdade, Marx entendia perfeitamente a posição de Bakunin, mas só se expressou sobre essa questão em sua correspondência particular, e de forma caricatural: *nunca em um texto público*. Marx não queria um debate de ideias público com Bakunin:

15 James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, Premier volume, 3<sup>e</sup> partie, CH XI, pp. 192-193

16 Mémoire présenté par la Fédération jurassienne, 1<sup>re</sup> partie, p. 204.

17 Bakounine, *Étatisme et anarchie*, IV, p. 221.

18 Carta a Louis Pio, 7 de março de 1872.

“A classe operária não deve se envolver na política. A sua tarefa limita-se a organizar-se em sindicatos. Um dia, com a ajuda da Internacional, eles suplantarão todos os Estados existentes.”<sup>19</sup>

Marx ainda acrescenta isso: “Este burro nem sequer compreendeu que qualquer movimento de classe como tal é necessariamente um movimento político e sempre foi”<sup>20</sup> – algo que Bakunin nunca negou. Bakunin não rejeitou a ação política como tal, mas negou que se limitasse à ação parlamentar. Engels também havia perfeitamente compreendido a essência do pensamento de Bakunin, além das distorções da polêmica; ele escreveu a Theodore Cuno: “Como a Internacional de Bakunin não deve ser feita para a luta política, mas para poder, em liquidação social, substituir imediatamente a antiga organização do Estado, ela deve aproximar-se o mais possível do ideal bakuninista da futura sociedade”<sup>21</sup>.

A formulação é irônica, mas Engels resume perfeitamente o ponto de vista de Bakunin e o que mais tarde se tornará o sindicalismo revolucionário. Esta era a ideia que se encontrava na Carta de Amiens em 1906. E aí reside o significado da noção de “destruição do Estado”: nada mais é do que a substituição da organização de classe da burguesia – o Estado – pela do proletariado.

Essa organização de classe reúne os indivíduos como trabalhadores, em seu local de trabalho, por um lado, e em uma estrutura interprofissional, por outro. Esta dupla estrutura, vertical e horizontal, desenvolve-se em um modelo federal até o nível nacional e internacional. Essa é uma ideia básica do bakuninismo, diretamente inspirada por Proudhon e que será encontrada no sindicalismo revolucionário da CGT e no anarco-sindicalismo, quando a estrutura geográfica horizontal (*Bourses du Travail*) se associar à estrutura industrial (a Federação Nacional de Sindicatos). Esta abordagem é rejeitada por unanimidade por todos os teóricos marxistas, com a notável exceção de Pannekoek, que repetiu essa ideia várias vezes em seus escritos:

“A luta de classes revolucionária do proletariado contra a burguesia e seus órgãos é inseparável do controle dos trabalhadores sobre o aparato de produção e sua extensão ao produto social, a forma de organização que une a classe em sua luta constitui simultaneamente a forma organizacional do novo processo de produção”<sup>22</sup>.

Uma excelente definição do anarcossindicalismo, feita por um teórico marxista... heterodoxo, é verdade. Bakunin tinha perfeitamente definido o que separava os

19 Pode-se jogar o mesmo jogo que Marx e apresentar suas posições da seguinte maneira: “A classe trabalhadora deve fazer política. A sua tarefa limita-se a organizar-se em partidos. Um dia, eles tomarão o poder e suplantarão todos os Estados existentes.” É muito fácil apresentar uma opinião de forma ridícula para desacreditá-la.

20 Carta a Lafargue, 19 de abril de 1870.

21 Carta a Th. Cuno, 24 de janeiro de 1872.

22 Pannekoek, *Les Conseils ouvriers*, EDI, p. 273.

federalistas da Internacional da Social-Democracia Alemã: ele declarou em uma conferência: “Os objetivos que propomos são tão diferentes, a organização que recomendamos às massas trabalhadoras deve ser essencialmente diferente da deles”.<sup>23</sup> Isto mostra que ele estava bem consciente de que havia uma profunda diferença na estratégia e no projeto entre os federalistas da Internacional e os marxistas.

Esta ideia não é uma “invenção” de Bakunin, porque a citação data de 1872 e a mesma ideia pode ser encontrada num pequeno texto de César de Paepe datado de 1869, intitulado, significativamente, “As Instituições Atuais da Internacional do Ponto de Vista do Seu Futuro”. O militante belga também parte da ideia de que as instituições que o proletariado forma sob o capitalismo prefiguram as instituições do futuro: “Queremos mostrar que a Internacional já oferece o tipo de sociedade que virá e que suas diversas instituições, com as modificações necessárias, formarão a futura ordem social”<sup>24</sup>.

## **2) Existe uma “primeira fase” (1864-1867) bastante influenciada pelo mutualismo francófono. O que você tem a dizer sobre ela?**

“A Internacional parisiense, na véspera da Comuna, é majoritariamente proudhoniana.”

(J. Bruhat, J. Dautry & E. Tersen, *La Commune de 1871*, Éditions sociales, 1960.).

Os primeiros anos da AIT foram caracterizados há muito tempo como o período proudhoniano. Benoît Malon escreve sobre esse assunto:

“Na época em que a Internacional foi introduzida na França, a parte militante do proletariado francês era quase inteiramente mutuellista. O túmulo de Proudhon mal havia sido fechado quando a *Capacidade política das classes operárias*, publicada por discípulos fiéis, tornou-se, da noite para o dia, o ‘livro’ da parte mais estudiosa e inteligente do proletariado francês.”<sup>25</sup>

A ideia de um período proudhoniano é confirmada pela publicação, pelos Internacionais franceses, do “Memorando dos delegados ao Congresso de Genebra”,

<sup>23</sup> “Aos Companheiros da Federação das Seções Internacionais do Jura”, *Œuvres*, t. III, éd. Champ libre, p. 74.

<sup>24</sup> Citado em Bakounine, *Œuvres*, éd. Lebovici, tome III, appendice III, p. 255-256. Cf. *Le Progrès* du Locle, n° 9 du 1<sup>er</sup> mars 1869, o artigo “L’Internationale et ses institutions de l’avenir”.

<sup>25</sup> Benoît Malon. “Les Collectivistes français”, *Revue socialiste*, março de 1887, pp. 223 e 224.

que é um verdadeiro manifesto proudhoniano. Todas as delegações francesas assinaram o texto. No entanto, a oposição teórica às greves foi contrariada na prática, pois, a partir de 1867, as seções se dedicaram a apoiar grandes greves. Entretanto, a história dessa primeira parte da AIT não se limita ao conteúdo do Memorando apresentado em Genebra, pois os anos de 1867 a 1868 foram muito ativos. O que aconteceu nesses anos? Um vasto movimento de greves se espalhou por toda a Europa, cuja repressão, muitas vezes feroz, serviu apenas para aumentar a influência da Internacional, criada alguns anos antes. As greves, que até então eram episódicas, tornaram-se verdadeiras batalhas de classe, dando aos trabalhadores a experiência prática da solidariedade que às vezes vinha do exterior:

- Greve dos bronzistas parisienses em fevereiro de 1867, cobranças organizadas pela AIT; greve dos tecelões e fiandeiros em Roubaix, em março de 1867; greve na bacia de mineração de Fuveau, Gardanne, Auriol, La Bouilladisse, Gréasque, em abril de 1867, os mineiros de Fuveau se juntaram à AIT; a maior parte da atividade das seções francesas a partir de 1867 consistiu em apoiar essas greves e ações de solidariedade para apoiar greves no exterior.

- Na Bélgica, a greve dos mineiros de Charleroi foi duramente reprimida pelo exército e levou ao fortalecimento da AIT; a greve dos tecelões de Verviers queria manter seu fundo de ajuda dentro da AIT; a greve dos veleiros em Antuérpia, a AIT apoiou os grevistas com fundos. Toda a parte industrializada da Bélgica foi afetada pela AIT.

- Em Genebra, uma greve de trabalhadores da construção civil, iniciada em um período favorável de pleno emprego, foi bem conduzida e terminou com sucesso. Solidariedade internacional efetiva. Um delegado do congresso da AIT em Bruxelas declarou: Embora esta seja uma república, a burguesia tem sido mais cruel do que em qualquer outro lugar, mas os trabalhadores se mantiveram firmes. Havia apenas duas seções antes da greve, agora há vinte e quatro seções em Genebra com 4.000 membros.

A AIT frequentemente recomendava moderação em face da intensa repressão, mas teve de enfrentar lutas cada vez mais numerosas e violentas. Sua própria existência, apoiada por alguns sucessos iniciais, criou um efeito cumulativo. Cada vez que o exército intervinha, os reformistas perdiam terreno e, pouco a pouco, os militantes da Internacional se tornavam mais radicais; essa radicalização, é importante ressaltar, não era o resultado de um debate ideológico, mas da experiência das lutas e da prática da solidariedade internacional. Durante esse curto período, ocorreu uma profunda evolução, que os proudhonianos não poderiam deixar de perceber e da qual tirariam lições.

Entre 1865 e 1866, a seção de Paris foi dominada por proudhonianos muito rigorosos, cujo representante mais notável não era tanto Tolain<sup>26</sup>, mas Fribourg<sup>27</sup>, que provavelmente foi um dos principais redatores do Memorando. Em Lyon, havia também um grupo de proudhonianos rigorosos, liderado por um certo Jean-Marie Gauthier... que também era informante da polícia. A partir de 1867, na sequência das greves, esses proudhonianos restritos desapareceram. Militantes como Varlin e Malon tornaram-se mais importantes na seção de Paris. Esses eram militantes que estavam em contato direto com o movimento dos trabalhadores.

“Todo o secretariado da sociedade de fundidores aderiu; a sociedade de mecânicos enviou Murat a Lausanne. Muito além dos poucos projetos restritos de assistência mútua que haviam sido concebidos em 1866, surgiu a ideia – um fato cuja importância nunca foi enfatizada e que prefigurava o que seria a Internacional coletivista dos anos seguintes – de criar, sob a égide da Internacional, uma federação de todas as sociedades de trabalhadores existentes. A prática segue a ideologia abstrata, e essa ideologia nos parece ser, em última análise, mais importante do que a ideologia abstrata.”<sup>28</sup>

Em Rouen, um proudhoniano, o litógrafo Aubry, assumiu uma posição em favor de lutas mais radicais. Entretanto, 1868 marcou o início de um período de crise, devido não apenas à repressão, mas também às dissensões internas que afetavam quase todas as seções: Lyon desapareceu primeiro, seguida por Rouen e Marselha. Em Paris, Varlin e Malon, que haviam desempenhado um papel importante, foram eliminados do bureau após o congresso de Lausanne.

É como se, antes de prosseguirmos para o próximo estágio, tivéssemos que varrer todas as formas preexistentes.

\* \* \* \* \*

Sabemos também que, na AIT, a oposição à greve por parte dos militantes que se autodenominavam proudhonianos não os tornou populares. A partir de então, a questão era se esses militantes eram proudhonianos “ortodoxos”, ou seja, se eles tivessem compreendido Proudhon ou se haviam desenvolvido um “proudhonismo” distorcido. De fato, é difícil ver como os militantes que se dizem adeptos de um

<sup>26</sup> Henri Tolain, 1828-1897, gravador de bronze, leitor de Proudhon, mutualista, partidário das cooperativas de produção. Um dos redatores do *Manifesto dos Dezesseis*, programa destinado a apoiar uma candidatura operária, reclamando uma verdadeira democracia política, econômica e social. Ele protestou contra a exclusão dos operários da vida política. Tolain contribuiu para a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores. A mutação da Internacional e a diminuição da influência de Tolain se manifesta no fato de que este último não encontra uma corporação parisiense para delegar-lhe no congresso de Basileia: ele é mandatado pelos padeiros de Marselha. Eleito deputado nas eleições legislativas de março de 1871, ele repudia a Comuna, é expulso da Internacional por "ter abandonado sua causa da maneira mais covarde e vergonhosa" pelo Conselho Federal das seções parisienses.

<sup>27</sup> Edouard Fribourg (1834-1903) foi um líder operário francês e membro da Associação Internacional dos Trabalhadores. Foi membro dirigente da Federação Parisiense e junto com Henri Tolain foi um dos líderes da ala mutualista da organização. Deixou o movimento operário em 1868.

<sup>28</sup> *Les sections françaises de l'Association internationale des travailleurs. Rapport français pour le colloque de 1964 : La Première Internationale.* <http://commune1871-rougerie.fr/les-sections-francaises-de%2Cfr%2C8%2C71.html>

homem que proclama que a propriedade é um roubo podem se declarar a favor da propriedade. Não sairemos desse impasse se nos apegarmos ao pensamento binário.

O problema é que Proudhon muitas vezes expõe seu pensamento de forma complexa, e os leitores estão obviamente perplexos quando ele diz nos anos 40 que a propriedade é o roubo, e no final de sua vida, nos anos 60, que é a liberdade e afirmou que *não mudou de ideias*. O paradoxo é apenas aparente porque, ao definir a propriedade como um roubo, coloca-se o terreno socioeconômico, digamos, enquanto que, ao dizer que é a liberdade, está-se num registo bastante moral. Além disso, nem sempre se sabe de que propriedade fala: da habitação, dos meios de produção, da terra?

Sem me alongar, resumindo:

**1. Sobre a habitação:** No momento da revolução de 1848, quando houve uma grave crise da habitação, ele diz que as rendas pagas pelos inquilinos devem ser contabilizadas como contribuição para a compra da habitação, e uma vez adquirido o alojamento teve de ser gerido pelo município. É uma solução tipicamente proudhoniana, que não quer fazer um “São Bartolomeu dos proprietários”,<sup>29</sup> segundo sua expressão. Em resumo, procuramos um compromisso.

## **2. Quanto aos meios de produção:**

- O seu tempo é o início da formação da grande indústria, há ainda muita pequena produção artesanal que se encontra em dificuldade. Propõe medidas que permitam a estes pequenos produtores aceder a créditos, mas não há ilusões, muitas pequenas oficinas desaparecerão ou serão absorvidas pela grande indústria. Os pequenos patrões vivem em condições pouco diferentes das dos seus operários.

- Quanto à grande indústria, considera que ela será tomada em mãos por aquilo a que chama “companhias operárias”, isto é, associações de operários que assegurarão a gestão e a organização do trabalho. Foi com base nessa ideia que Proudhon foi designado como o “pai da autogestão”. Os autores marxistas (e alguns autores anarquistas) consideram Proudhon como um pensador da produção artesanal em pequena escala. Na realidade, ele tinha uma compreensão perfeita dos mecanismos do sistema capitalista. Ele escreveu um *Manuel du spéculateur à la bourse* (Manual do especulador para o mercado de ações), no qual demonstrou grande percepção do funcionamento do capital especulativo. Nele, ele desenvolveu o conceito de “feudalismo industrial”, que antecipou o capitalismo monopolista de estado.

Na esfera industrial, Proudhon distingue dois setores, dependendo se eles exigem ou não o recurso à força coletiva, à divisão do trabalho, que corresponde, por um lado, ao artesanato e, por outro, à indústria de grande escala. Certos setores “exigem

<sup>29</sup> O Massacre do Dia de St. Bartholomew é o massacre de protestantes que começou em Paris em 24 de agosto de 1572 e continuou por vários dias na capital e depois se espalhou para mais de vinte cidades provinciais durante as semanas seguintes.

o emprego combinado de um grande número de trabalhadores, um vasto emprego de máquinas e braços e, para usar expressões técnicas, uma grande divisão do trabalho e, conseqüentemente, uma alta concentração de forças”. Estamos nos referindo a uma coletividade: “Ferrovias, minas, fábricas estão nesse caso”.

“Onde a produção exige uma grande divisão do trabalho, uma força coletiva considerável, é necessário formar uma Associação entre os agentes desse ramo. (...) Qualquer indústria, negócio ou empreendimento, que por sua natureza exija o emprego combinado de um grande número de trabalhadores de diferentes especialidades, está destinado a se tornar o núcleo de uma sociedade ou companhia de trabalhadores.”<sup>30</sup>

Proudhon rejeita tanto a administração pelo capitalista quanto pelo Estado; mas, de qualquer forma, é absurdo dizer que ele ignora a produção industrial em larga escala.

### **3. Quanto à agricultura:**

Proudhon constata que a França do seu tempo é, de forma esmagadora, uma sociedade rural. Falar de coletivização aos camponeses, apaixonadamente apegados à sua terra, é absurdo. Prevê, por conseguinte, uma estratégia de aplicação de medidas transitórias. Proudhon sempre se opôs visceralmente à propriedade, mas a propriedade, que é a base do sistema capitalista, é um fato social tão enraizado que não é possível mudar o sistema com uma varinha mágica. Medidas transitórias e progressivas devem ser consideradas, tanto mais necessárias quanto 85% da sociedade francesa na época de Proudhon era rural e o campesinato estava fortemente ligado à terra. Proudhon raciocinou em termos políticos, evitando qualquer conversa de expropriação, que só poderia levar a uma insurreição camponesa nacional. Bakunin seguiu de perto Proudhon nesse ponto: ele tinha entendido perfeitamente a questão, como pode ser visto nos textos que escreveu durante a guerra franco-prussiana.

Outra dificuldade surge quando se lê Proudhon: nem sempre é claro que tipo de propriedade ele tem em mente: quando ele foi eleito para a Assembleia Constituinte em 1848, os habitantes de Paris estavam enfrentando uma terrível crise habitacional para a qual ele tentou, sem sucesso, encontrar uma solução. Muitas vezes, também é propriedade da terra que ele tem em mente. Se pudermos falar da “estratégia” de Proudhon em relação à questão agrária, eu diria que ela consistiu em focar na constituição de estruturas de ajuda mútua entre os camponeses, que levaria gradualmente e naturalmente à dissolução da propriedade. O que quer que alguém

---

<sup>30</sup> *Idée générale de la révolution*, p. 180 éd. Fresnes-Antony.

pense sobre isso hoje, não foi tão bobo, especialmente se lembrarmos do desastre das coletivizações forçadas na Rússia.

Lembremos também que as comunidades agrárias na Espanha, em 1936-1939, acabaram por ver a adesão do que os anarquistas chamavam de “individualistas”, isto é, pequenos proprietários camponeses que não foram forçados a coletivizar, mas que finalmente se juntaram às comunidades porque entenderam que tinham uma vantagem (ajuda mútua, fornecimento de equipamento, etc.). Tanto Proudhon quanto Bakunin insistem que os camponeses só se juntarão à revolução social se encontrarem uma vantagem nela. Na verdade, a questão da propriedade é um obstáculo para uma transformação radical da sociedade, porque é uma noção ideologicamente muito sensível. Mas Proudhon insiste que *é o próprio sistema capitalista que destrói a propriedade*.

Se Proudhon coloca o problema da propriedade tão insistentemente, é porque este problema se coloca insistentemente. Mas, no final, é para ele um assunto muito ultrapassado, que ele deixa extremamente claro quando ele aponta que o grande proprietário da manufatura não se importa em possuir a terra em que sua fábrica está localizada, ou mesmo a própria maquinaria. Proudhon evoca a situação do capitalista que, para ser “industrialmente e comercialmente livre” – isto é, livre de se apropriar da mais-valia – não precisa de “possuir a casa ou o apartamento em que vive com a família, a oficina em que trabalha, a loja onde armazena as matérias-primas, a loja onde expõe os produtos, o terreno em que foi construído, a oficina, a loja.”<sup>31</sup> O que lhe interessa é a apropriação do valor produzido pelo trabalho coletivo dos trabalhadores que produzem na fábrica. O fabricante não tem o humor do proprietário pequeno-burguês: Enquanto ele obtiver um contrato de arrendamento o tempo suficiente para lhe dar tempo para recuperar o reembolso total do capital que ele gastou em seu contrato de arrendamento, e que, por causa da natureza das coisas, ele não pode levar com ele no final de seu contrato, o fabricante goza, embora ele seja um inquilino, liberdade suficiente. Isso nos leva completamente de volta ao problema de 1840 em *O que é propriedade?*

O que Proudhon condena é a apropriação da mais-valia resultante da exploração dos trabalhadores. É isso que define o roubo capitalista.

Para Proudhon, a obsessão pela propriedade é a expressão do fantasma da pequena burguesia aterrorizada pela ideia de afundar no proletariado, na pobreza, e fanaticamente obcecada com a ideia de garantir um “futuro”, isto é, “capital” para si e para os seus filhos. Portanto, superar o problema da propriedade significa, antes de tudo, convencer as pessoas de que, em uma sociedade libertária, não haverá

---

<sup>31</sup> Proudhon, *Théorie de la propriété*, L'Harmattan, p. 31.

necessidade de temer o futuro de alguém, nem o dos filhos. Isto significa que a revolução social, entendida como um processo revolucionário, deve fornecer imediatamente à população condições de vida decentes. Gaston Leval, a quem perguntaram o que era a revolução, respondeu: “Revolução? Significa entregar 40.000 litros de leite para Madrid todos as manhãs.”

As fórmulas de lapidação de Proudhon na propriedade impediram que seus leitores compreendessem as nuances que ele traz a esse conceito. Propriedade é roubo quando proporciona uma oportunidade de realizar a apropriação de valor produzido pelo trabalho de outros. Quando garante a segurança do indivíduo, é um fator genuíno de liberdade e bem-estar. Ao se concentrarem na defesa da propriedade, da terra e da produção industrial ou artesanal de pequena escala, os proudhonianos da AIT ignoraram o fato de que Proudhon odiava a propriedade, que para ele era um falso problema, que estava destinada a desaparecer e, acima de tudo, eles não perceberam o pensamento estratégico de Proudhon sobre a transição para uma economia socializada e autogerida.

Foi necessária uma aliança de bakuninistas, marxistas e blanquistas para combater os mutualistas proudhonianos da AIT. Mas esses últimos não estavam errados ao apontar que o debate sobre a coletivização da terra havia ocorrido sem nenhum camponês! Eu acrescentaria que um debate no congresso que resulta em uma resolução não é uma circunstância favorável para o desenvolvimento de análises sutis. Se os bakuninistas tivessem se esforçado para fazer isso, sem dúvida teria sido possível evitar essa lamentável aliança com os marxistas, especialmente porque a maioria dos proudhonianos acabou aderindo à luta de classes e ao coletivismo bakuniniano.

Proudhon havia ficado traumatizado com os massacres da revolução de 1848 e esperava que a emancipação ocorresse sem violência, por meio de uma “transação” e de medidas transitórias. Essa ideia de uma transação pode parecer chocante para alguns comentaristas anarquistas de hoje, mas deve ser entendida como uma porta aberta para proprietários resolverem a questão social de forma pacífica. O que é interessante é o que Proudhon diz no caso de uma solução não seja encontrada: “não será mais o direito ao trabalho, nem o direito à mais-valia que os camponeses e os operários invocarão: será o direito à guerra e às represálias”.<sup>32</sup>

A ameaça é clara. Poucos “reformistas” vão tão longe... Em essência, o procedimento não é muito diferente daquele proposto por Marx no *Manifesto*, que também não prevê um “Dia de São Bartolomeu” dos proprietários, mas pretende recorrer a ‘invasões despóticas no direito de propriedade após a conquista do poder por meio de eleições. Os ativistas comunistas que estariam ansiosos demais para

---

<sup>32</sup> *Idée générale de la révolution*, Lacroix & Verboeckhove, 1868, p. 214.

culpar Proudhon por seu “reformismo” deveriam pensar duas vezes.

Os anarquistas muitas vezes negligenciaram a busca de entender o que era esse “roubo” que caracterizava a propriedade, e que na verdade está relacionado ao que ele chama de “erro de conta”. Quando um capitalista emprega cem operários para fabricar um objeto, não se trata de cem vezes um operário que trabalha, mas de cem operários que trabalham de forma combinada, no quadro da divisão do trabalho. Daqui resulta que o valor produzido por estes cem operários num dado tempo é muito superior ao valor do que seria produzido por cada um dos cem operários trabalhando individualmente. É o que Proudhon chama de “força coletiva”. É esse valor adicional que o capitalista se apropria, e o que Proudhon chama de “roubo”.

Há uma constante no pensamento de Proudhon sobre a propriedade: o campesinato, mas também o proletariado, estão ligados à noção de propriedade, porque ela representa a segurança. É um sentimento irracional que é impossível ignorar se quisermos mudar a sociedade. Nenhum programa socialista tem sorte em ter sucesso se não tiver também um programa agrário. Bakunin também dirá que nenhuma revolução pode ser bem-sucedida se for contra o campesinato. O exemplo da Rússia mostra de maneira esclarecedora que a política agrária catastrófica dos bolcheviques conduziu a revolução ao fracasso.

Veremos que Proudhon não abandona o seu projeto revolucionário, passando da ideia de uma propriedade-roubo para uma propriedade-liberdade: consciente do peso determinante das classes médias numa sociedade complexa, a sua abordagem, apesar das suas evoluções aparentemente contraditórias, representa uma tentativa de tornar possível a solução do problema social, sem que a questão da propriedade venha a fracassar.

O mutualismo proudhoniano representou uma ruptura qualitativa considerável com o socialismo de sua época, tanto em termos teóricos quanto em termos dos meios concebidos para acelerar as transformações desejadas. Para Proudhon, o mutualismo era uma solução, uma alternativa para os impasses e obstáculos não apenas das estratégias escolhidas pelos defensores da revolução social a partir de cima, mas também das práticas reformistas defendidas pelo que Gaetano Manfredonia chamou de “socialistas realizadores”, inclusive quando promoviam o projeto alternativo a partir de baixo, liderado pelos próprios trabalhadores.

Proudhon tinha ouvido falar de trabalhadores que se autodenominavam proudhonianos. Ele declarou a um de seus amigos que devia lidar com idiotas. São somente o povo que opera por conta própria, sem intermediários, que estão em posição de concluir a revolução econômica. Proudhon não acredita que a mudança social possa ocorrer pela força do exemplo,

pela simples imitação, partindo de um modelo de experiência que, pouco a pouco, conquistaria a convicção do maior número. A ideia de que é a partir da multiplicação de tais iniciativas que a salvação virá é completamente estranha para ele.

A obra reformista poderia continuar para sempre sem produzir nenhum resultado além de divertir os conservadores de tempos em tempos.

“Será que a democracia operária, com suas associações pequenas e pobres, com suas assinaturas a cinco centavos por semana, com seus meios comuns de persuasão e propaganda, imaginaria ser capaz de realizar um desses vastos movimentos que regeneram as sociedades, trocando em poucos anos a face do globo? Só faltaria organizar um sistema geral de seguros e substituir o prêmio fixo pela mutualidade. O que seria se tivesse de competir seriamente com o Banque de France, o Crédit Mobilier, o Comptoir d’escompte e todas essas aglomerações financeiras, cujo capital, em dinheiro, é contado em bilhões” (Capacité politique, ed. E. Dentu, 1865, Primeira parte, p. 235).

(...)

“Supunha-se que uma primeira tentativa, mais ou menos bem-sucedida, levaria a uma segunda, à medida que as populações se multiplicassem de uma para outra. As 37.000 comunas da França seriam metamorfoseadas em grupos de harmonia e falanstério. Na política e na economia social, a epigênese, como dizem os fisiologistas, é um princípio radicalmente falso. Para mudar a constituição de um povo, é necessário agir, no final, sobre o todo e sobre cada parte do corpo político.” (Ibid p. 236)

Proudhon desenvolve uma série de argumentos para provar que as realizações associacionistas devem ser consideradas, no máximo, como um expediente de pouca importância prática, inadequado e, além disso, perigoso. Na verdade, isso atribui à associação, virtudes econômicas e morais que ela estava longe de possuir, a ponto de torná-la um fim em si mesma e perder de vista o fato de que ela era apenas um dos vários meios disponíveis para os trabalhadores com vistas à sua emancipação.

\* \* \* \* \*

Não se pode negar que o princípio mutualista permeou profundamente a classe trabalhadora francesa, principalmente graças ao envolvimento de muitos anarquistas que não eram necessariamente proudhonianos, que não pensavam que o mutualismo derrubaria o capitalismo, mas que pensavam (com razão) que estavam ajudando a melhorar sua própria sorte e a de seus colegas trabalhadores.

O mutualismo é um dos aspectos do pensamento de Proudhon que muitos anarquistas rejeitam com mais vigor. Em *Black Flame*, um livro escrito por dois anarquistas sul-africanos, lemos: “As ideias de Proudhon, geralmente conhecidas como mutualismo, foram muito influentes nos círculos socialistas e populares entre as décadas de 1840 e 1880 na Europa e nas Américas”. Embora Proudhon não tenha direito ao rótulo de “anarquista”, os autores deste livro admitem que “os anarquistas reconheciam Proudhon como um precursor e os mutualistas como espíritos afins”. Essa é uma simplificação grosseira que é ainda mais lamentável pelo fato de que esse tipo de comentário parece ser amplamente adotado no movimento anarquista. Proudhon teve dois períodos, um que poderia ser descrito como uma crítica radical do sistema capitalista e outro que poderia ser descrito como construtivo e mutualista. O segundo período não está em oposição ao primeiro, mas é uma continuação dele. Em outras palavras, o mutualismo é o anarquismo em construção, que pode ser resumido pela fórmula:

“federalismo + autogestão”

O mutualismo não é apenas um princípio de organização global de uma sociedade emancipada, ele também é uma forma de organização que está inscrita na vida cotidiana dos trabalhadores. Ao contrário do que alguns autores afirmaram, Proudhon nunca disse que a multiplicação de tais organizações poderia levar à emancipação do proletariado. É surpreendente que os autores de *Black Flame* (Chama Negra) reconheçam que o sindicalismo pode ter a função de melhorar a condição dos trabalhadores, enquanto esperam por algo melhor, mas que recusem essa função ao mutualismo. No entanto, associações mútuas, ou seja, organizações baseadas na solidariedade coletiva às quais as pessoas pertencem pagando contribuições e que fornecem um determinado número de serviços, e sobre as quais os contribuintes têm controle por meio de assembleias gerais, são encontradas em todos os aspectos da vida. Portanto, as associações mútuas têm, fora do local de trabalho, a mesma função que os sindicatos dentro do local de trabalho, sendo essas duas formas complementares. De fato, o problema que se coloca não é: podemos ou não mudar a sociedade gradualmente por meio de iniciativas pontuais? Mas sim: quando a revolução claramente não é para amanhã, devemos criar instituições que tornem a vida mais agradável para as pessoas? O problema é o mesmo para a ação no local de trabalho e na área residencial.

No grande período do sindicalismo revolucionário, muitos militantes anarquistas estavam envolvidos com o sindicalismo porque era óbvio que não se levantava todas as manhãs com a convicção de que a revolução seria lançada à noite. Da mesma forma, outros anarquistas ou sindicalistas revolucionários estavam envolvidos no

mutualismo, ou seja, em instituições sociais – ajuda mútua, seguro de saúde, fundos de pensão, etc. – que ajudavam a melhorar a vida cotidiana das pessoas. Isso nada mais era do que a aplicação dos princípios que Bakunin havia enunciado: propaganda pela ação, ou seja, propaganda pelo exemplo: criação de ajuda mútua, escolas, bibliotecas, cooperativas etc.<sup>33</sup>

Era mais uma questão de: “Como não há perspectiva revolucionária imediata, não devemos fazer nada e esperar? Ou devemos tentar melhorar nossa condição?” Os militantes anarquistas que se engajaram no mutualismo estavam fazendo a mesma coisa que aqueles que se engajaram no sindicalismo – na verdade, muitas vezes eram a mesma coisa. Acho que ninguém imaginou que se dedicar ao mutualismo contribuiria para o colapso do capitalismo; no entanto, a existência de um grande movimento mutualista poderia fornecer uma base para a reorganização da sociedade após a revolução, supondo que essa eventualidade pudesse ocorrer: as estruturas estariam em vigor e muitos homens e mulheres teriam experiência organizacional concreta nos setores em questão. Esse modelo proudhoniano foi realizado na Espanha, onde os anarquistas vinham dizendo há décadas que os trabalhadores organizados deveriam se preparar para assumir um dia a organização da sociedade.

A questão não é que Proudhon aderiu ao mutualismo porque era um reformista; ele aderiu porque percebeu que era uma forma de organização autônoma dos trabalhadores, porque a criação de associações mutualistas era um aspecto essencial da ação militante, da mesma forma que a ação sindical por melhores condições de vida. É apenas uma questão de circunstância se as associações mutualistas e os sindicatos poderão um dia ser usados para reorganizar a sociedade de amanhã. O mutualismo foi de importância primordial na França porque foi um fator determinante em, pelo menos, dois pontos: a) a criação de órgãos de ajuda mútua da classe trabalhadora fora de toda influência estatal e burguesa; e, conseqüentemente, b) o reconhecimento pelo proletariado da necessidade absoluta de cortar radicalmente os laços com a burguesia e se organizar de forma autônoma.

Há um texto surpreendente de Emma Goldman<sup>34</sup> que é um testemunho do que ela viu em uma estadia em Paris em 1900, de seu encontro com o movimento sindicalista revolucionário e a CGT. Uma das coisas que lhe pareceram essenciais foi a existência de mutuais, as “sociedades de ajuda mútua estabelecidas pelos sindicalistas revolucionários franceses”. “Seu objetivo, acrescenta ela, é, acima de tudo, garantir o trabalho para os desempregados e disseminar esse espírito de assistência mútua com base na consciência da identidade dos interesses trabalhistas em todo o mundo.” Goldman descreve muitas atividades de autoajuda criadas pela CGT por

33 “Os militantes da seção espanhola da AIT interpretarão o apelo à ‘propaganda por ação’ de uma forma perfeitamente ‘ortodoxa’, ou seja, no sentido exato em que o termo foi definido pela AIT. Na aplicação de seu congresso de 1873, eles pediram apoio para greves, a criação de fundos de resistência, demonstrações, reuniões, redes de cooperativas de consumidores, a criação de escolas, bibliotecas, centros educacionais, sociedades mútuas e escritórios de emprego. O fato é que a seção espanhola foi a única a manter o caráter de uma organização de massa.” R. Berthier, *La fin de la Première Internationale*, Éditions du Monde libertaire, p. 285.

34 Emma Goldman, *Syndicalism, the modern Menace to Capitalism*, 1913, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article620>

meio de mútuas, como a hospedagem de trabalhadores que viajam de um lugar para outro.

Esse texto mostra que a atividade mutualista estava totalmente integrada à atividade sindical. Esse ainda é o caso hoje na CGT, que está envolvida em várias sociedades mútuas nos setores de lazer, ajuda mútua, pensões, saúde e outros. Os mesmos ativistas que lutam contra os patrões podem ser encontrados nas diretorias das sociedades mútuas.

### **3) O coletivismo francófono foi bastante importante na fase seguinte (1868-1871). O que pensa sobre esse fato?**

O período coletivista foi o de maior desenvolvimento da Internacional e correspondeu a um renascimento da associação na França. A Federação dos Trabalhadores de Rouen, na Normandia, que parecia ter desaparecido, reapareceu mais forte e se desenvolveu na região a partir do início de 1869, recebendo membros de muitas profissões, a ponto de Aubry estimar o número de membros em 2.000 em março e 3.000 em maio, representando cerca de dez guildas, principalmente ligadas aos têxteis – Rouen era um dos maiores centros produtores de algodão da França. O exemplo de Rouen se espalhou na forma da criação de federações de sociedades de trabalhadores.

Em Paris, um grupo de militantes, que agora poderiam ser descritos como “coletivistas”, não havia desistido da luta e retomou o contato com o Conselho Geral em Londres em julho de 1869. Organizado sob o nome de “Cercle des Etudes Sociales”, ele conduziu uma campanha de propaganda muito ativa. A seção parisiense foi reconstituída essencialmente em uma base corporativa, obtendo a adesão das sociedades de encadernadores, litógrafos, joalheiros, sapateiros e latoeiros, que enviaram delegados ao Congresso da Basileia de 1869. Naquela época, havia uma organização que poderia competir com a AIT. Na Exposição de Londres de 1862, uma Comissão de Trabalhadores havia sido criada por instigação do governo, que organizou a nomeação de 200 delegados que foram a Londres. A experiência foi repetida em 1867 para a nova Exposição de Londres, mas dessa vez a formação da comissão parecia assumir um caráter mais independente das autoridades, a ponto de o prefeito da polícia tentar proibi-la.

Há uma lógica interna na classe trabalhadora que significa que, assim que ela se põe em movimento, tende a se tornar autônoma em relação às autoridades, mesmo quando são as próprias autoridades que iniciam o movimento. Assim, a partir de 1868, houve uma aproximação entre as Internacionais e a Comissão de Exposição dos Trabalhadores: “sabemos, por exemplo, que no Congresso de Bruxelas, na ausência

de representantes oficiais da seção parisiense, foram vários delegados sindicais pertencentes à Comissão que representaram o proletariado parisiense”.<sup>35</sup> Assim, a Federação Parisiense da Internacional seria o resultado de um acordo entre essas duas correntes, com base em um projeto que datava de março de 1869, por iniciativa da sociedade dos mecânicos. A oposição do Ministério do Interior apenas atrasou a realização do projeto, que recebeu novo ímpeto com a eclosão de um grande movimento grevista na segunda metade de 1869.

Mas o poderoso movimento grevista que varreu várias guildas parisienses na segunda metade de 1869 – principalmente os funcionários do comércio, os douradores de madeira e, por último, mas não menos importante, os trabalhadores em couro – deu um novo ímpeto ao movimento. A Federação foi finalmente criada em 14 de novembro de 1869, com o nome de *Chambre fédérale des Sociétés ouvrières* (Câmara Federal das Sociedades Operárias). Ela tinha cerca de vinte sociedades e, em abril de 1870, havia crescido para cerca de quarenta. Varlin era seu secretário.

Na verdade, as coisas eram mais complexas do que pareciam, porque a Federação de Paris não era exatamente identificada com a Internacional. Um pequeno número de sociedades membros da *Chambre fédérale* havia se filiado oficialmente à Internacional (seriam cerca de quinze em abril de 1870) e pagava as anuidades em Londres. A Internacional de Paris propriamente dita era representada por uma organização que era independente da Câmara Federal e que incluía sociedades membros e seções de bairro. Essas seções de bairro se uniram em 18 de abril de 1870 para formar a Federação das Seções de Paris, composta por onze seções corporativas e quatorze seções de bairro. Esse pode muito bem ter sido o início embrionário da futura organização dupla da CGT em sindicatos e bolsas de trabalho.

Essas distinções permaneceram formais, como explicou um dos militantes da Câmara Federal, o encadernador Thomachot:

“Uma grande parte das câmaras sindicais se juntou à AIT; a outra não se juntou por duas razões: a primeira, porque como as câmaras sindicais tinham o mesmo objetivo que a Associação, era mais prudente não fazer parte dela corporativamente, já que o governo estava tentando abolir a Internacional; a segunda, porque a maioria dos membros que faziam parte dela pertenciam a seções em seus bairros.”<sup>36</sup>

<sup>35</sup> <http://www.commune1871-rougerie.fr/les-sections-francaises-de%2Cfr%2C8%2C71.html>

<sup>36</sup> A. Thomachot. “Les Chambres syndicales ouvrières. La Commune”, *Revue socialiste* (Genève), julho de 1874, pp. 18-23.

Sem dúvida, foi a perseguição imperial que forçou essa distinção. A partir de 1870, a Câmara Federal e a Internacional trabalharam tão juntas que suas sedes ficavam no mesmo lugar, seus conselhos federais se reuniam e publicavam textos conjuntos.

Em Lyon, a Internacional estagnou com apenas 2 ou 300 membros. No entanto, ela teve um novo começo em agosto de 1868 graças a Albert Richard, que retomou o contato com o Conselho Geral. Foi somente em meados de 1869 que ela foi fortalecida por um poderoso movimento de greves, incluindo a dos ovalistas.<sup>37</sup> Como em Paris, a colaboração entre as Internacionais e os delegados de Lyon na Exposição de 1867 levou à formação de uma Federação de Trabalhadores em 13 de março de 1870. Ela reuniu representantes de todas as seções e federações francesas. De acordo com Albert Richard, a federação de Lyon tinha 10.000 membros na época do Congresso da Basileia e 15 ou 20.000 na primavera de 1870, com cerca de vinte sociedades de trabalhadores.

Em Marselha, a federação liderada pelo funcionário Bastelica tinha cerca de 20 sociedades na época do Congresso da Basileia e 27 em abril de 1870.

A partir desses quatro centros: Rouen, Paris, Lyon e Marselha, a Internacional decolaria consideravelmente, resultado de um poderoso movimento grevista que despertou a classe trabalhadora francesa em 1869-1870. Eugène Dupont disse no Congresso da Basileia que não foi a Internacional que levou os trabalhadores à greve, mas a greve que os levou à Internacional. Cada greve provocava a formação de uma sociedade de resistência – na verdade, sindicatos – ou revelava a formação de uma sociedade que até então era clandestina, muitas das quais se juntaram à Internacional.

Apesar das mudanças na Internacional, o mutuellismo proudhoniano estava longe de ser extinto. Ele permaneceu firmemente enraizado em Rouen. Em Paris, era mais do que uma simples corrente que permanecia: a Internacional estava simplesmente dividida em duas, como atesta um relatório policial:

“A Federação é formada por dois grupos distintos: coletivistas e mutuelistas. O primeiro grupo, que incluía : Avrial, Langevin, Combault, Varlin, Chalain, Malon, Myard, Franquin, etc., se ocupam quase que exclusivamente com política; eles realizam suas reuniões às segundas-feiras. O segundo grupo, que incluía Pindy, Chemalé, Langlois, Murât, Guiard, Dauthier, Gautier, Demay, Hamet, Tolain, Camélinat, Perrachon, etc., reunia-se às terças e sextas-feiras.”<sup>38</sup>

37 As ovalistas eram operárias da seda cujo trabalho era aplicar tratamentos preparatórios ao fio de seda crua para torná-lo adequado para a tecelagem. Cf. Claire Auzias, Annik Houel, *La Grève des ovalistes : Lyon juin-juillet 1869*, éd. Payot, 1982.

38 Citado por “Les sections françaises de l'Association internationale des travailleurs”, Rapport français pour le colloque de 1964 : La Première Internationale, <http://www.commune1871-rougerie.fr/les-sections-francaises-de%2Cfr%2C8%2C71.html>

Entretanto, embora as diferenças entre as duas correntes fossem tão numerosas quanto teóricas, elas não eram um obstáculo à atividade sindical, que ambas apoiavam.

O esmagamento da Comuna e a feroz repressão empreendida pela nova república marcaram o fim da Internacional na França. A lei Dufaure, aprovada em 14 de março de 1872, puniu severamente a filiação à Internacional. De fato, a República era muito menos tolerante do que o Segundo Império. Mas, como escreveu Édouard Dolléans, “o fogo ardia sob as cinzas das organizações de trabalhadores destruídas”.<sup>39</sup>

Fernand Pelloutier escreveu em sua *Histoire des Bourses du travail*:

“A seção francesa da Internacional foi dissolvida; revolucionários foram fuzilados, enviados para a prisão ou condenados ao exílio; clubes foram dispersos, reuniões foram proibidas; o terror confinou os poucos homens que escaparam do massacre às profundezas de suas moradias: essa era a situação do proletariado após a Comuna”<sup>40</sup>

Um historiador brasileiro, Alexandre Samis, descreveu perfeitamente em *Negras Tormentas*<sup>41</sup> a escala da repressão que se seguiu ao esmagamento da Comuna, uma repressão que deixou traços profundos na memória coletiva. Quando a Internacional desapareceu, depois de 1877, o problema não seria mais colocado em termos de Proudhonismo/coletivismo, mas em termos de coletivismo/comunismo anarquista.

Mas essa é outra história.

#### **4) Que elementos precisam ser considerados nos debates entre comunismo e coletivismo dentro da AIT?**

Fico feliz que tenha me feito essa pergunta porque estou trabalhando no assunto, um texto intitulado “Fundamentos teóricos e práticos do conflito entre coletivistas e anarquistas”, que está começando a tomar grandes proporções e, quanto mais avanço, mais percebo sua complexidade. É necessário um esclarecimento: o termo “coletivismo” assumiu vários significados: estou falando aqui do coletivismo bakuniniano, não do coletivismo que foi posteriormente adotado pelo movimento marxista.<sup>42</sup> Acho que distinguir entre um período “mutualista” até por volta de 1868 e depois um período “coletivista” na AIT é uma abordagem um tanto artificial, embora não totalmente infundada. Muitos mutualistas que se opunham às greves

<sup>39</sup> Edouard DOLLÉANS, *Histoire du mouvement ouvrier*, tome II, Paris, Librairie Armand Colin, 1948. p. 13.

<sup>40</sup> Fernand Pelloutier, *Histoire des Bourses du Travail*

<sup>41</sup> Alexandre Samis, *Negras Tormentas: o Federalismo e o Internacionalismo na Comuna de Paris*, Segunda edição revisada e ampliada, Intermezzo Editorial.

<sup>42</sup> Há um texto de Kropotkin, “O assalariado coletivista”, que infelizmente gera confusão e tem sido interpretado como um ataque ao coletivismo bakuniniano. No entanto, a leitura desse texto mostra claramente que é o marxismo que está sendo atacado.

acabaram apoiando-as, dada a extensão da luta de classes com a qual a AIT foi confrontada.

No movimento anarquista, é comum distinguir entre uma corrente coletivista e uma corrente anarquista-comunista. Essas duas correntes são identificadas, respectivamente, com o modelo bakuniniano e o modelo kropotkiniano. Mencionei isso em uma entrevista publicada no site do Instituto de Estudos Libertários, por isso não vou falar sobre isso novamente<sup>43</sup>. Essa distinção muitas vezes assumiu a forma de um confronto entre as duas correntes: quase sempre houve uma oposição vigorosa entre a corrente “sindicalista” e a corrente “anarquista”: foi assim na Rússia entre anarquistas e anarco-sindicalistas, na França, onde os anarquistas se opuseram aos sindicatos por muito tempo, na Argentina, onde a FORA se opôs à presença de grupos anarquistas por muito tempo, na Espanha até por volta de 1906, etc.

A tese que estou desenvolvendo é a seguinte: dentro da chamada Associação Internacional dos Trabalhadores “antiautoritária”, gradualmente, desenvolveu-se uma clivagem entre uma corrente que poderia ser descrita como “pre-sindicalista revolucionária” e uma corrente que se autodenominava anarquista. Essa clivagem se manifestaria mais tarde na prática, nos debates entre os coletivistas e os anarquistas comunistas, e na teoria, entre os defensores da tese “a cada um de acordo com seu trabalho” e os defensores da tese “a cada um de acordo com suas necessidades”. Toda a história do movimento libertário é marcada por essa oposição.

Quando a Associação Internacional dos trabalhadores desapareceu em 1878, ela não era mais uma organização de massa por dois motivos<sup>44</sup>: primeiro, seu número de membros havia colapsado, exceto na Espanha; segundo sua estrutura sociológica estava transformada: havia se tornado uma organização de afinidade na qual vários intelectuais do movimento dominavam. O período que se seguiu à dissolução da Internacional antiautoritária viu desenvolver-se no seio do movimento libertário o “debate” coletivismo/comunismo anarquista. Este debate, iniciado pelos militantes italianos, retomado e teorizado por Kropotkin, era em grande parte um falso debate e representava uma verdadeira ruptura com as posições de Bakunin; ele se manifestou de maneiras diferentes em diferentes países, mas basicamente acabou assumindo a forma de um debate sindicalismo/anarquismo. Esse “debate”, que na realidade era uma oposição entre duas visões do anarquismo, assumiu grandes proporções na França e Espanha, mesmo que os protagonistas não estivessem necessariamente cientes de sua origem e natureza.

O núcleo de meu argumento se apoia na hipótese de que dentro da Associação Internacional de Trabalhadores Antiautoritária, após o congresso de Saint-Imier em

<sup>43</sup> “Organização, tradições revolucionárias e transformação”, <https://ielibertarios.wordpress.com/2019/01/12/organizacao-tradicoes-revolucionarias-e-transformacao/#comments>

<sup>44</sup> Por organização de massa entendo uma organização que reúne trabalhadores de acordo com a sua função no processo de produção e não com base em uma ideologia ou programa político. Essa definição implica implicitamente que a organização de fato reúne uma proporção significativa da população em questão.

1872, surgiram duas correntes, primeiro discretamente depois de forma mais evidente: uma de natureza mais sindicalista, com Bakunin e James Guillaume, as Federações do Jura, da Espanha e da Bélgica, prefigurando o sindicalismo revolucionário, e a outra de natureza mais política, “anarquista”, com os italianos, Costa, Brousse, Malatesta, Cafiero e Kropotkin, prefigurando o comunismo anarquista. Essa divisão era anterior ao congresso de Saint-Imier, mas foi até certo ponto obscurecida pela intensidade da luta contra a burocracia do Conselho Geral<sup>45</sup>.

A partir de 1872, a pressão diminuiu e as diferenças de estratégia e concepções organizacionais puderam ser expressas abertamente, principalmente com a chegada da Federação Italiana, que havia sido formada tardiamente, mas já tinha seções há algum tempo, em grande parte sob o impulso de Bakunin.<sup>46</sup> Essas duas correntes desenvolveram estratégias divergentes. Naturalmente, essa hipótese está longe de ser aceita no movimento libertário, que tenta mostrar que as duas correntes do movimento coexistiram harmoniosamente, o que é totalmente contradito por um exame dos fatos históricos. A oposição entre “coletivistas” e “comunistas” se resumiu na verdade a oposição entre as correntes sindicalista e anarquista. O ponto de vista coletivista foi certamente baseado em uma “ética de trabalho” que não existia entre os “anarquistas comunistas”, que se referiam em vez disso a uma ética do consumo, influenciada, sem dúvida, pela teoria kropotkiniana mal compreendida da “a coleta na pilha” (“prise au tas”).

Da perspectiva coletivista, o trabalho não é obrigatório: é “moralmente e socialmente, mas não legalmente obrigatório para todos”, diz Bakunin em seu *Catecismo*. A ideia é que cada membro de uma comunidade participa de sua livre vontade no funcionamento da comunidade: o indivíduo que opta por não trabalhar assume as consequências; ele não se beneficia de nenhuma das vantagens da comunidade e perde seus direitos políticos. Em seu *Catecismo Revolucionário* (1864), Bakunin havia afirmado o status superior do trabalho como “o único título legítimo de posse para todos, a única base dos direitos políticos e sociais de todos, honrado e respeitado como a principal fonte de dignidade humana e liberdade”. Encontramos esta ética no sindicalismo revolucionário.

A abordagem dos coletivistas baseava-se certamente numa “ética do trabalho” que não existia entre os “anarco-comunistas”. O trabalho, diz também Bakunin, é “o único produtor de riqueza; qualquer homem que na sociedade vive sem trabalho é um explorador do trabalho dos outros, um ladrão”. É evidente que os coletivistas da AIT estavam ansiosos para ligar o gozo dos bens produzidos em comum ao *trabalho comum*: O objetivo era livrar-se de todos aqueles – exploradores ou antissociais – que deliberadamente não trabalhavam.

45 René Berthier, *La Fin de la Première Internationale*, Editions du Monde libertaire, 2015.

46 Cf Ravindranathan, T.R., *Bakunin and the Italians*, McGill Queens Univ Press, 1988. Também: Robert Paris, *Bakounine en Italie ou le socialisme italien face à ses origines*, Paris, Institut d'études slaves, 1979.

O princípio “A cada um de acordo com o seu trabalho” não pretendia excluir, no sentido literal, aqueles que não trabalhavam: foi originalmente projetado para excluir dos benefícios da sociedade aqueles que – exploradores ou associas, parasitas sociais – deliberadamente não trabalham. Mas os anarquistas comunistas fingirão que esta fórmula visasse excluir todos os proletários que não trabalhavam, ou seja, que não estavam na produção – crianças, esposas, idosos, doentes – o que obviamente não era a intenção dos coletivistas, conforme Bakunin:

“Os idosos, os inválidos, os doentes, circundados de cuidados, de respeito e gozando de todos os seus direitos, tanto políticos como sociais, serão tratados e mantidos com profusão às custas da sociedade.”<sup>47</sup>

Bakunin e seus companheiros os coletivistas – que constituíam uma espécie de sindicalismo revolucionário embrionário – haviam enfatizado a propriedade coletiva dos meios de produção e sua doutrina estava baseada no princípio “a cada um de acordo com seu trabalho”. Esta foi apenas uma fórmula geral baseada na ideia de que o capitalista se apropriou do valor produzido pelo trabalhador coletivo: O trabalhador deve, portanto, receber sua parte justa do valor que produziu. Mas esta foi menos uma questão individual do que coletiva, ou seja, a restituição deste valor à sociedade como um todo. Os anarquistas comunistas verão nesta fórmula um obstáculo onde há apenas uma divergência de abordagem. A fórmula dos coletivistas “a cada um segundo o seu trabalho” baseava-se talvez também numa visão moral do trabalho, insistindo no facto de que era necessário trabalhar, e dirigia-se contra o parasitismo dos ociosos.

Muitos autores, a começar pelo próprio Kropotkin, interpretaram a doutrina coletivista como sendo a de dar a todos, individualmente, o valor equivalente de seu trabalho. Kropotkin não teve dificuldade em demonstrar o absurdo de tal ponto de vista. A partir de 1876, sob a influência do Kropotkin e por iniciativa de grupos italianos, a Federação do Jura desenvolveu a ideia da propriedade coletiva dos *produtos* do trabalho como um complemento necessário ao programa coletivista. Parecia óbvio, no entanto, que se se considerasse a propriedade coletiva dos meios de produção, isso resultaria inevitavelmente na propriedade coletiva dos produtos do trabalho, ou mais precisamente em uma organização coletiva e igualitária da distribuição dos produtos do trabalho. Isto era evidente por si mesmo.

Parece que a primeira referência ao “comunismo”, em oposição ao coletivismo bakuniniano, foi feita por Costa, Malatesta, Cafiero e Covelli no congresso de Florença da federação italiana da AIT em 1876. Kropotkin retomou a ideia e propôs

---

<sup>47</sup> Bakounine. “Principes et organisation de la société internationale révolutionnaire. I. Objet. II. Catéchisme révolutionnaire”, mars 1866.

ao congresso da Federação do Jura de La Chaux-de-Fonds, em 12 de outubro de 1879, adotar o comunismo como um objetivo, tendo o coletivismo como forma de transição. O mutuellismo proudhoniano e o coletivismo bakuniniano foram questionados e logo foram substituídos pelo comunismo, que foi agregado ao anarquismo para dar “anarquismo comunismo”. Kropotkin não foi o criador do “anarquismo comunismo”, mas foi, sem dúvida, o seu melhor propagandista.

O coletivismo, tal como definido na Associação Internacional de Trabalhadores, baseava-se no princípio de “a cada um segundo o seu trabalho”. Em *Conquista do Pão*, Kropotkin parte da ideia de que a humanidade possui uma riqueza imensa e um conjunto prodigioso de máquinas, adquiridas através do trabalho coletivo:

“Os produtos obtidos em cada ano seriam mais do que suficientes para fornecer pão a todos os homens, se o enorme capital das cidades, das fábricas, das vias de transporte e das escolas se tornasse propriedade comum em vez de propriedade privada, a facilidade seria fácil de conquistar: as forças de que dispomos seriam aplicadas, não ao trabalho inútil ou contraditório, mas à produção de tudo o que o homem necessita para a alimentação, a habitação, o vestuário, o conforto, o estudo das ciências e o cultivo das artes.”<sup>48</sup>

Não estamos num futuro mais ou menos longínquo; é agora que podemos racionalizar a produção para reduzir o desperdício e o parasitismo e assegurar a abundância. Foi nesta linha de raciocínio que Kropotkin baseou a sua tese de “tirar do monte”, que foi geralmente muito mal compreendida. A noção de propriedade coletiva dos produtos do trabalho não faz muito sentido. A partir do momento em que se estabelece o princípio da propriedade coletiva dos meios de produção, a questão que se coloca não é a quem pertencem os produtos do trabalho, mas sim *como os distribuimos*.

Com o passar do tempo, o fosso entre sindicalistas e anarquistas aumentava, cada uma das duas correntes desenvolvendo campanhas de justificação teórica. Em 1911 apareceu o volume V das obras de Bakunin, no qual se encontrava “A Política da Internacional” e outros artigos escritos para *L'Égalité*. Os sindicalistas revolucionários insistiam na correlação entre o sindicalismo e as ideias de Bakunin. Insistiu-se sobretudo na correlação entre as ideias de Bakunin e a CGT. Finalmente, em nome da recusa da separação entre luta econômica e luta política, a CGT foi levada de volta à atividade política, o que naturalmente cortou a base sob os pés dos social-democratas, mas também dos anarquistas.

---

48 Prefácio de Elisée Reclus para *A Conquista do Pão*.

Os anarquistas comunistas defendiam a ideia do grupo político específico; alguns deles concebiam-na como uma estrutura auxiliar do movimento sindical que se dedicava a tudo o que não era da luta econômica: antimilitarismo, antiparlamentarismo, educação, presos políticos e até mesmo a própria revolução. Mas os sindicalistas revolucionários lhes respondiam que estes eram campos de ação nos quais a CGT *já estava comprometida*, o que era verdade, e a organização sindical era bastante eficaz nesses campos. No entanto, houve numerosos exemplos de luta comum, durante as quais os militantes sindicalistas revolucionários e anarquistas sofreram os golpes da repressão. Em retrospectiva, não se vê por que essas atividades não poderiam ter sido assumidas tanto pela organização sindical quanto pelos grupos anarquistas, em coordenação. O fato é que, apenas sobre a questão do antimilitarismo e da oposição à guerra, o movimento sindical havia tomado posição a favor da greve geral contra a guerra desde um congresso das Bolsas de Trabalho realizado em 1893, isto é, antes mesmo da constituição da CGT.<sup>49</sup>

A duas abordagens do anarquismo ficaram evidentes ao longo da história do movimento libertário, sendo o debate coletivismo/anarquismo apenas um de seus avatares: o debate entre coletivistas e anarquistas após o fim da Internacional é apenas uma forma dessa divisão, e às vezes se manifestou como uma divisão pacífica do trabalho, mas muitas vezes foi violenta. Todos os períodos históricos em que o movimento libertário foi poderoso foram períodos em que *havia tanto um movimento de massa quanto uma organização anarquista* ligada a ele de uma forma ou de outra: Esse é o modelo bakuniniano.

O coletivismo é curiosamente qualificado por Kropotkin de “individualismo misto”. Os anarquistas comunistas criticavam o coletivismo por ter que medir o valor do trabalho realizado, o que, segundo eles, envolveria uma organização centralizada encarregada de definir esse valor. A ideia desenvolvida pelos anarquistas comunistas é que a produção global na sociedade é um fato coletivo e que não é possível medir o que corresponde a cada uma das riquezas totais que são produzidas. Mas não se trata tanto de uma constatação matemática como de uma exigência ética: “...o ideal coletivista parece-nos irrealizável numa sociedade que consideraria os instrumentos de produção como um patrimônio comum”, porque “a posse comum dos instrumentos de trabalho levará necessariamente ao gozo em comum dos frutos do trabalho comum”, disse Kropotkin na *Conquista do Pão*. Kropotkin desenvolve uma visão do comunismo um tanto fusional na sua fórmula de “gozo em comum dos frutos do trabalho comum”. Não há dúvida de que o “trabalho” é comum em qualquer sociedade industrial desenvolvida, mas o que significa o “gozo em comum”?

O problema é que não é, de fato, concebível medir o que cabe a cada um individualmente das riquezas totais produzidas. Tal interpretação distorce

49 Cf. “1893 : Débat sur la grève générale au congrès national des chambres syndicales et groupes corporatifs ouvriers”, monde-nouveau.net, (<http://monde-nouveau.net/spip.php?article284>).

naturalmente o debate, e se percebe a regressão teórica sofrida pelo movimento libertário desde Proudhon. O slogan “Cada um segundo as suas necessidades” permanece perfeitamente teórico. Em 1880, estamos longe de uma sociedade de abundância como Kropotkin a pede, mesmo que a evolução previsível da sociedade industrial possa começar a permitir prever essa eventualidade. É um slogan de princípio, como o da abolição do salário.

A “cada um segundo as suas necessidades” continua a ser uma petição de princípio que não é suficiente para definir uma linha de ação, nem uma estratégia para hoje, e da qual seria ilusório imaginar que pudesse ser posta em prática num futuro próximo. Na abordagem kropotkiniana, o livre consumo para todos inscreve-se num contexto de extrema descentralização que coloca mais problemas do que qualquer outra coisa. Cada um consumirá de acordo com suas necessidades no âmbito da produção de cada município autónomo, o que significa que haverá restrições sobre muitos bens de consumo. Para que possa haver uma igualdade perfeita na *possibilidade* de consumo de cada um, será necessário definir perequações em função dos municípios “ricos” (que poderão produzir muitas coisas) e dos municípios “pobres” (aqueles que não produzirão muito), o que exigirá inevitavelmente uma certa forma de coordenação da atividade global da sociedade criadora desta “autoridade” que Kropotkin tanto teme... Na prática, isso corre o risco de criar uma enorme burocracia.

Por outro lado, a questão do consumo em função das necessidades de cada um não se coloca apenas em termos de consumo individual. As necessidades pessoais de cada um representam pouco em relação às necessidades sociais: escolas, hospitais, energia, transportes, infraestruturas rodoviárias, etc., que são de responsabilidade dos serviços públicos. É difícil imaginar que tais infraestruturas possam ser implementadas sem um mínimo de centralização. Não é concebível que a definição das necessidades sociais não se faça sem uma certa centralização... Kropotkin atribui aos coletivistas um ponto de vista que não é o seu, que seria o de restituir a cada trabalhador, no sentido literal, isto é, a cada trabalhador individual, o “produto do seu trabalho”. Por conseguinte, não tem dificuldade em contestar este princípio, insistindo, com razão, na constatação de que, atualmente, a produção é mundial e extremamente aninhada e que, por conseguinte, é impossível definir a parte que cada um nela desempenha:

“...Hoje, neste estado da indústria, onde tudo se entrelaça e se mantém, onde cada ramo da produção se serve de todos os outros, a pretensão de dar origem individualista aos produtos é absolutamente insustentável. Se as indústrias têxteis ou metalúrgicas atingiram uma perfeição espantosa nos países civilizados, devem-no ao desenvolvimento simultâneo de mil outras indústrias, grandes e pequenas; devem-no à extensão da rede ferroviária, à

navegação transatlântica, Dirigindo-se a milhões de trabalhadores, a um certo grau de cultura geral de toda a classe operária, a trabalhos finalmente executados de um extremo ao outro do mundo.”<sup>50</sup>

Não pretendo esgotar a questão aqui: queria apenas mostrar que as divergências entre coletivistas/sindicalistas e comunistas/anarquistas eram profundas e que não podiam ser reduzidas, dizendo que era basicamente a mesma coisa. Se a distância entre as duas correntes pôde reduzir-se com o tempo, não foi porque a corrente sindicalista “adotou” o comunismo libertário como finalidade, *objetivo que sempre teve*: foi porque a corrente anarquista específica, depois de se opor a qualquer estratégia sindical, finalmente percebeu que esta era a única maneira de não se separar da classe trabalhadora. Não é ocultando as divergências entre estas duas correntes que se poderá apresentar uma imagem inteligível do movimento operário libertário. Essas diferenças e divergências têm suas razões. A questão é se queremos superá-las ou não. Em todo o caso, a ocultação não é o método correto.

## 5) Qual a importância da AIT para o pensamento de Mikhail Bakunin?

Bakunin aderiu à AIT tardiamente, em 1868. Pouco antes de se filiar, ele havia participado do congresso da Liga Internacional para a Paz e a Liberdade, uma organização pacifista formada por democratas mais ou menos radicais (e mais ou menos maçônicos). Ele pensou ingenuamente que conseguiria convertê-los à causa do proletariado. Finalmente, quando seu projeto fracassou, ele deixou a Liga, levando consigo 80 pessoas com as quais fundou a famosa Aliança Internacional pela Democracia e pediu que ela se unisse à Internacional. Ele então declarou que dali em diante estaria interessado apenas na causa do proletariado e, ironicamente, foi em uma carta a Marx (22 de dezembro de 1868) que ele fez essa declaração: “Estou fazendo agora o que você começou a fazer há mais de vinte anos. Desde minha despedida solene e pública da burguesia no Congresso de Berna, não conheci outra sociedade, nenhum outro ambiente que não fosse o mundo dos trabalhadores. Minha pátria, agora, é a Internacional, da qual você é um dos principais fundadores

Na realidade, a bajulação de Bakunin a Marx tinha a intenção de amolecê-lo: o revolucionário russo havia anexado à sua carta o programa da recém-formada Aliança, que ele esperava que o Conselho Geral da AIT aceitasse. Naturalmente, Marx não se deixou enganar nem por um segundo. Quando ele entrou para a Internacional, ainda não estávamos lidando com o “verdadeiro” Bakunin: foi em contato com a AIT

que ele revelou sua verdadeira natureza. Não vou me estender sobre os debates dos quais Bakunin participou. Simplesmente mencionarei como a AIT influenciou Bakunin, e vice-versa.

Em 1868, Bakunin já havia entrado em contato com a Internacional porque, durante sua estada na Itália, ele contribuiu amplamente para a formação de várias seções da AIT, sem se filiar a ela<sup>51</sup>. Mas foi sua experiência prática de organização que forjou os princípios organizacionais nos quais o bakuninismo se baseou. Ele chegou à conclusão de que a forma de organização dos trabalhadores não tem como modelo as organizações da sociedade burguesa, mas que ela se baseia nas necessidades internas da luta dos trabalhadores e, como tal, constitui uma prefiguração da sociedade socialista. O modo de organização do proletariado é imposto pelas formas particulares de luta dos trabalhadores em seu local de exploração; a unidade básica da organização dos trabalhadores está situada onde eles são explorados, na empresa. A partir daí, ela se expande horizontalmente (ou geograficamente, se preferir), por localidades e regiões, e se eleva verticalmente por setor industrial.<sup>52</sup>

Essa visão das coisas obviamente forneceu a Marx e Engels a oportunidade de atacar sarcasticamente Bakunin, que foi acusado de ser indiferente em questões políticas, uma vez que a atividade do proletariado estava totalmente fora de qualquer perspectiva parlamentar, sendo esta considerada a única forma concebível de ação política. Engels, no entanto, havia compreendido perfeitamente a essência do pensamento de Bakunin, além das distorções da polêmica: ele escreveu a Theodore Cuno:

“Como a Internacional de Bakunin não deveria ser criada para a luta política, mas para ser capaz, no momento da liquidação social, de substituir imediatamente a antiga organização do Estado, ela deveria estar o mais próximo possível do ideal bakuninista da sociedade futura.”<sup>53</sup>

Engels, de fato, resume perfeitamente o ponto de vista de Bakunin e do que mais tarde se tornaria o anarco-sindicalismo. Nessa passagem, ele diz nada mais do que isso:

- A organização dos trabalhadores deve ser constituída de acordo com um modo tão próximo quanto possível daquele da sociedade que a classe trabalhadora carrega dentro de si;
- A organização de classe dos trabalhadores, que é seu instrumento de luta sob o capitalismo, é também o modelo para a organização da sociedade após a derrubada

---

51 Cf. Ravindranathan, *op. cit.*

52 Veja: “Bakounine, une théorie de l’organisation”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article583>

53 Carta à Th. Cuno, 24 de janeiro de 1872.

da burguesia. Esse é o significado da expressão “destruição do Estado”: a destruição do Estado nada mais é do que a substituição da organização de classe da burguesia – o Estado – pela do proletariado. Essa organização de classe reúne indivíduos como trabalhadores, em seu local de trabalho, por um lado, e em uma estrutura interprofissional, por outro. Essa estrutura dupla, vertical e horizontal, desenvolve-se em um modelo federativo até o nível nacional e internacional.

Em suma, a organização de classe dos trabalhadores, que é o instrumento de luta sob o capitalismo, constitui o modelo de organização política da sociedade após a revolução. É uma ideia básica do bakuninismo e, mais tarde, do anarcossindicalismo, quando a estrutura horizontal, geográfica (as Bolsas de Trabalho) se fundirão com a estrutura profissional (os sindicatos).

Deve-se ressaltar que essa ideia não foi uma “invenção” de Bakunin, já que a citação data de 1872 e a mesma ideia pode ser encontrada em todos os debates dentro da Internacional, em particular em um pequeno texto de César De Paepe datado de 1869, significativamente intitulado “As instituições atuais da Internacional do ponto de vista de seu futuro”<sup>54</sup>. O militante belga partiu da ideia de que as instituições que o proletariado estava construindo sob o capitalismo prefiguravam as instituições do futuro: “Queremos mostrar que a Internacional já oferece o tipo de sociedade que virá, e que suas várias instituições, com as modificações necessárias, formarão a ordem social futura”. Deve-se lembrar que, embora as Internacionais belgas tenham se oposto à Aliança, elas expressaram seu apoio ao programa dela. Portanto, havia uma proximidade real de pontos de vista entre eles e os bakuninianos, cujo denominador comum era, sem dúvida, Proudhon.

Resta examinar a tese de Gaston Leval que afirma que Bakunin foi o fundador do sindicalismo revolucionário. Vê-se que entre Bakunin e a Internacional as relações foram recíprocas. A observação que fez das práticas da AIT e os debates em que participou lhe forneceram a matéria necessária à teorização dessas práticas e debates; Em contrapartida, o revolucionário russo desenvolveu princípios que são uma surpreendente prefiguração do sindicalismo revolucionário e do anarcossindicalismo.

A sua análise relativa às questões de organização apresenta uma verdadeira analogia com as formas que tomará pouco depois a organização sindical, e em particular a CGT. A visão de uma dupla organização, horizontal, geográfica e vertical, industrial, é a defendida pelo movimento operário francês. As secções profissionais e

<sup>54</sup> Cf. Bakounine, *Œuvres*, éd. Lebovici, tome III, appendice III, p. 255-256. Cf. *Le Progrès du Locle*, n° 9 du 1<sup>er</sup> mars 1869, l'article “L'Internationale et ses institutions de l'avenir”.

as secções centrais descritas por Bakunin assumiram a forma de federações sindicais e de uma federação das bolsas de trabalho, que se fundiram em 1902.

A descrição de Bakunin antecipa de maneira surpreendente o que se tornará o sindicalismo revolucionário. No entanto, é inconcebível afirmar, como faz Leval, que um homem, mesmo Bakunin, é o “fundador” de um movimento como o sindicalismo revolucionário. O sindicalismo revolucionário é um produto natural da classe operária francesa, cuja emergência está ligada a um contexto histórico muito particular: a influência do Proudhonismo, o esmagamento da Comuna, as divisões sórdidas do movimento socialista, a rejeição das tentativas de captação pelos radicais burgueses, etc. É sobretudo este contexto que explica a emergência do sindicalismo revolucionário. No entanto, existe um fio condutor entre Bakunin e o sindicalismo revolucionário, entre Bakunin e a CGT francesa.

Com efeito, após o colapso da AIT dita “antiautoritária”, James Guillaume, que era de certa forma o executor testamentário do pensamento de Bakunin, instalou-se em Paris e estabeleceu contatos muito estreitos com os militantes sindicalistas da CGT.<sup>55</sup>

## **6) O Congresso de Haia (2-7 de setembro de 1872)**

Foi após o Congresso da Basiléia (1869) que a agressividade de Marx em relação a Bakunin se mostrou abertamente. De fato, o voto dos delegados sobre a questão da herança revelou uma forte maioria a favor da posição de Bakunin. Naturalmente, essa situação era inaceitável para Marx, embora fosse a expressão democrática dos delegados da Internacional naquela época. Foi após o Congresso da Basiléia que começou a campanha sistemática de calúnias contra Bakunin, orquestrada por Marx, Engels e seus discípulos.

Bakunin foi particularmente acusado de ser um “eslavófilo”, o que para ele era o insulto supremo, porque, durante a revolução de 1848-1849, ele nunca deixou de exortar os eslavos da Europa Central a lutarem contra o império russo e a se aliarem aos democratas alemães contra o despotismo, um ponto de vista ao qual Marx e Engels se opunham radicalmente, porque uma aliança tática com os democratas eslavos teria ameaçado a unidade nacional alemã e teria retirado da Alemanha o controle que ela exercia sobre os territórios eslavos.

Deve-se ressaltar que Marx considerava a Primeira Internacional como uma ferramenta a serviço de suas próprias concepções de política internacional e, em particular, das relações entre a Alemanha e a Rússia. Para ele, a independência polonesa era uma necessidade, pois estabeleceria uma zona de “amortecimento”

<sup>55</sup> Voir Maurizio Antonioli, *Bakounine entre syndicalisme révolutionnaire et anarchisme*, éditions Noir et Rouge, 2014.

para a Alemanha contra a ameaça russa.<sup>56</sup> Mas esse é outro assunto.

### ***Resoluções administrativas***

As ameaças de exclusão que Marx havia proferido contra Bakunin já em 1869 foram concretizadas no Congresso de Haia em 1872. No congresso de Basiléia, resoluções administrativas foram colocadas em votação e alguns autores marxistas (Hal Draper<sup>57</sup>, A.H. Nimtz<sup>58</sup>) afirmam que elas foram tomadas por instigação de Bakunin. Alegou-se que essas resoluções tinham a intenção de fortalecer os poderes do Conselho Geral, dando-lhe o direito de recusar a admissão de novas seções e de suspender seções – decisões que tinham de ser submetidas a um congresso subsequente. Na verdade, não foi Bakunin, mas Eccarius, em nome do Conselho Geral, quem propôs essa “resolução administrativa”.

J.-Ph. Becker publicou no *Vorbote* (ano de 1870, página 4) um relato da discussão que ocorreu sobre esse assunto durante a Sessão Administrativa do Congresso (quarta-feira, 8 de setembro). Podemos ler: “Eccarius propõe, em nome do Conselho Geral, que este tenha o direito de excluir qualquer seção que aja de forma contrária ao espírito da Internacional, sujeito à aprovação do Congresso”.<sup>59</sup> Portanto, Bakunin, que era espantosamente ingênuo, não iniciou essa resolução, mas a apoiou pelo que julgou serem boas razões. Ele e seus amigos apoiaram a votação das resoluções administrativas propostas pelo Conselho Geral. James Guillaume comentou:

“Todos nós estávamos inspirados pela mais completa boa vontade em relação aos homens de Londres. E nossa confiança era tão cega que contribuímos mais do que ninguém para a votação a favor dessas resoluções administrativas que davam autoridade ao Conselho Geral, autoridade que eles usariam de forma tão desprezível.”<sup>60</sup>

Na verdade, Bakunin aprovou essa disposição, não porque ela lhe permitiria “assumir o controle da Internacional”, mas, paradoxalmente, para evitar expulsões arbitrárias. Em seu relatório, Eccarius escreve que Bakunin reconheceu ao Conselho Geral a oportunidade de “negar a entrada de novas seções na Internacional até o Congresso seguinte; quanto aos Comitês Nacionais, ele quer reconhecer seu direito de excluir seções de sua Federação, *mas não o direito de excluí-las da Internacional*” [grifo meu].

<sup>56</sup> Quando Marx e Engels falam sobre a liberdade da Polônia, não é por um desejo humanitário, mas porque uma Polônia independente constituiria um glaciar protetor, um baluarte de “vinte milhões de heróis” entre a Rússia e a Alemanha: “A Europa tem apenas uma alternativa”, disse Marx em 22/1/67, “ou a barbárie asiática sob a liderança moscovita cairá sobre sua cabeça como uma avalanche, ou ela restabelecerá a Polônia, colocando assim vinte milhões de heróis entre ela e a Ásia...” Discurso proferido por Marx em Londres, em 22 de janeiro de 1867, por ocasião da comemoração do quarto aniversário do levante polonês de 1863.

<sup>57</sup> Auteur d'une très dogmatique *Karl Marx's theory of revolution* en 5 volumes (Monthly Review Press, 1977).

<sup>58</sup> Veja: René Berthier, *Marx-Bakunin : "Science & Society"*, Mr A. H. Nimtz & Bakunin, <https://www.monde-nouveau.net/spip.php?article673>

<sup>59</sup> James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, vol. I, 2<sup>nd</sup> part, ch. XI, p. 207.

<sup>60</sup> *Mémoire de la Fédération jurassienne*, p. 82. See also: James Guillaume, *L'Internationale*, Book 1, Part 2, Chapter 11, 1905, p. 207.

Eccarius acrescenta: Bakunin “observou que, se as organizações nacionais tivessem o direito de suspender, poderia ocorrer que seções animadas pelo verdadeiro espírito da Internacional fossem excluídas por uma maioria infiel aos princípios”. É óbvio que Bakunin não considerava o Conselho Geral como um adversário, mas sim como um possível aliado contra o espírito reacionário de certos grupos locais. Esse era o caso em Genebra, cujas seções Marx apoiava.

Assim, de acordo com Bakunin, o Conselho Geral poderia se recusar a admitir seções, não definitivamente, mas *até o próximo congresso*, o que, supõe-se, daria tempo para examinar a candidatura. Quanto aos comitês nacionais, eles poderiam excluir seções da federação, mas não da Internacional, na medida em que existiam seções que eram membros da Internacional, mas não da federação correspondente. Podemos ver, portanto, que as medidas restritivas aprovadas por Bakunin tinham o objetivo de proteger a Internacional contra novos membros cujas práticas não correspondiam ao espírito da Internacional. O ingênuo Bakunin não entendeu que essas medidas poderiam ser facilmente desviadas de sua intenção original.

Mais tarde, Bakunin escreveu (23 de janeiro de 1872) a seus amigos italianos que havia cometido “um grave erro”: “Cheguei ao Congresso da Basileia com a impressão de que uma federação regional, guiada por uma facção intrigante e reacionária, poderia abusar do poder, e procurei uma remediação na autoridade do Conselho Geral”. Ele acrescentou que os belgas, “que também conheciam melhor do que nós as disposições secretas e muito autoritárias de certas pessoas que compõem o Conselho Geral”, haviam tentado em vão fazê-lo mudar de ideia. Marx fez uso extremamente cínico dessas resoluções administrativas quando decidiu excluir da Internacional as federações que se opuseram a ratificar a exclusão de Bakunin e James Guillaume.

Como o Congresso de Basileia havia ingenuamente dado ao Conselho Geral a possibilidade de suspender seções, Marx apontou que, como o Conselho Geral já podia suspender uma a uma *todas as seções* de uma federação, ele poderia suspender uma federação inteira; a suspensão de uma federação inteira era simplesmente um cumprimento dos estatutos.<sup>61</sup> Essa resolução só foi aprovada porque os delegados do Congresso estavam totalmente confiantes nos membros do Conselho Geral. Ninguém poderia imaginar que aqueles que controlavam o Conselho Geral usariam, alguns anos depois, essa resolução de forma tão maquiavélica.

Vejamos como a democracia foi aplicada dentro do próprio Conselho Geral. James Guillaume explica que a composição do Conselho Geral era praticamente inamovível:

---

61 Veja: James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, Vol. I, Volume 2, p. 338.

“Composto por cinco anos consecutivos pelos mesmos homens, sempre reeleitos, e pelas resoluções de Basileia revestidas de um grande poder sobre as Seções, ele [o Conselho Geral] acabou se considerando o chefe legítimo da Internacional. O mandato de um membro do Conselho Geral havia se tornado, nas mãos de alguns indivíduos, uma propriedade pessoal, e Londres parecia para eles o capital imóvel de nossa Associação. Gradualmente, esses homens, que nada mais eram do que nossos representantes – e a maioria deles nem mesmo eram nossos representantes regulares porque não haviam sido eleitos pelo Congresso -, esses homens, dizemos, acostumados a andar à nossa frente e a falar em nosso nome, foram levados, pelo fluxo natural das coisas e pela própria força dessa situação, a querer dominar a Internacional com seu programa especial e sua doutrina pessoal.”<sup>62</sup>

### ***A Conferencia de Londres***

Não é possível compreender o resultado do Congresso de Haia sem evocar a Conferência de Londres que teve lugar precisamente um ano antes, que foi precedida da reunião do Conselho Geral de 5 de Setembro de 1871.

### **Reunião do Conselho Geral de 5 de setembro de 1871**

Esta Reunião é interessante em mais de um aspecto. Lembremo-nos de que estamos às vésperas da Conferência de Londres, que vai decidir a exclusão de Bakunin e James Guillaume. Marx diz que o Conselho Geral é um “órgão governamental separado de seus constituintes” e, portanto, tem “como um Conselho, uma política coletiva”<sup>63</sup>. Em outras palavras, o Conselho Geral é uma entidade que é superior à soma das federações que o constituem e, portanto, tem uma melhor compreensão dos interesses coletivos. Embora esse argumento não seja totalmente falso e possa ser facilmente compensado pelo controle e pelo rodízio de mandatos, isso é o que todos os órgãos burocráticos dizem para justificar seu poder.

Outra questão abordada foi a dos membros votantes do Conselho Geral. Thiesz “acredita que nenhum membro do conselho deve ter permissão para votar por conta própria. Se o fizerem, eles se reelegerão”. Ao contrário, Engels acredita que “o Conselho sempre foi representado por delegados – em número ilimitado – que têm direito a voto, e esse direito não deve ser abandonado”.

Eccarius, que em breve se separará de Marx e Engels, salientou que, se o Conselho “sobrecarregar” os outros delegados, isto é, se *nomear* mais delegados do que os *eleitos*, seria melhor ratificar diretamente as decisões do Conselho: “O Conselho não tem o direito de sobrecarregar todos os outros delegados, ele poderia muito bem

<sup>62</sup> Circulaire à toutes les Fédérations de l'Association internationale des travailleurs, ou “La Circulaire de Sonvillier”, (12 Novembre 1871) (James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, Premier volume, 4<sup>e</sup> partie, ch. 1<sup>er</sup>, p. 239. Éditions Gérard Lebovici.)

<sup>63</sup> *Report of the Fourth Annual Congress of the International Working Men's Association, held at Basel, in Switzerland, from the 6th to the 11th September, 1869*; Published by the General Council, 1869; available via <http://hdl.handle.net/10622/B6E656DD-15BA-4E47-A6F7-B7132F4544C3>.

votar uma série de decisões e convidar as seções a ratificá-las e dispensar a convocação do Congresso.”<sup>64</sup>

Vaillant afirma seriamente que não é necessário conceder direitos de voto aos delegados: basta convocar a Conferência e informá-los sobre a situação! As atas da reunião dizem que Vaillant “acredita que o Conselho estaria perfeitamente justificado se simplesmente convocasse a Conferência para informar sobre a situação da associação, sem conceder direito a voto aos delegados. O Conselho tem o direito de decidir por si mesmo sobre questões organizacionais porque é o centro da Associação, conhece melhor as necessidades da Associação como um todo e está em melhor posição para julgar o que é melhor para promover seus interesses.”<sup>65</sup>

### **Conferência de Londres**

A Conferência de Londres, que se reuniu dez dias depois (16-23 de setembro de 1871) havia estabelecido todos os arranjos burocráticos que seriam implementados um ano depois em Haia. Além disso, a direção tomada pelas discussões no Conselho Geral mostrou que ele obviamente considerava a AIT como um partido político<sup>66</sup>, e não como uma organização do tipo sindicato, como havia sido o caso originalmente. A confidencialidade da conferência de Londres foi aumentada pelo fato de ter sido realizada na própria casa de Marx. Há uma carta muito significativa que Engels enviou a Liebknecht sobre essa questão.<sup>67</sup>

“Tanto o Conselho Geral quanto a própria Conferência haviam decidido que as reuniões deveriam ser realizadas em privado. Uma resolução explícita, da qual você tem conhecimento, encarregou o Conselho Geral de decidir quais resoluções deveriam ser tornadas públicas e quais não.”

Marx e seus amigos aproveitaram a desorganização que se seguiu à guerra franco-prussiana e ao esmagamento da Comuna de Paris para convocar uma reunião privada que decidiu, sem debate em congresso, transformar de forma obrigatória a Internacional em um partido político com o objetivo de conquistar o poder. Essa era uma questão que havia sido debatida na organização, mas que não havia levado ao irreparável porque a autonomia das federações não havia sido questionada, ou seja, a faculdade de cada Federação definir seu próprio caminho rumo à emancipação.

A conferência de Londres era composta por vinte e três membros, treze dos quais – a maioria – eram membros do Conselho Geral e nomeados por ele, e não tinham

---

<sup>64</sup> *Ibid.*

<sup>65</sup> *Ibid.* p. 137.

<sup>66</sup> Iuri Stekloff estava convencido de que a Internacional era um partido que funcionava de acordo com os princípios do “centralismo democrático”! Ele escreveu: “Naquele congresso [Haia] haveria um conflito decisivo entre os campeões da luta política do proletariado e do centralismo democrático na organização da Internacional, por um lado, e os campeões do anarquismo igualmente no campo político e em matéria de organização, por outro” G.M. Stekloff, *History of the First International*, London Martin Lawrence limited, p. 228. See: <https://www.marxists.org/archive/steklov/history-first-international/ch14.htm>

<sup>67</sup> Engels to Liebknecht. 27-28 May 1872.

mandato – exatamente o caso levantado por Thiesz durante a Conferência de 5 de setembro. Sete desses membros não eleitos atuavam como secretários correspondentes de vários países que não estavam representados na Conferência<sup>68</sup>. Mas o Conselho Geral havia indicado outros seis de seus membros para representá-lo. Apenas nove pessoas foram delegadas por seções. Apenas nove pessoas foram delegadas por seções: seis delegados belgas [um dos quais também era membro do Conselho Geral], dois delegados suíços e um delegado espanhol.

James Guillaume observa que havia um desconhecido sem mandato.<sup>69</sup> Bakunin comentou:

“É justo acrescentar a essa lista as filhas de Karl Marx, que tiveram permissão para participar da última reunião dessa conferência secreta. A crônica não diz se a conferência deu a elas o direito de votar; ela poderia ter feito isso sem derrogação porque essas jovens tinham tantos títulos para representar o proletariado internacional quanto o maior número de delegados.”<sup>70</sup>

A Associação Internacional de Trabalhadores era algo sem precedentes, e as inevitáveis tentativas e erros originados por essa situação não foram seguidos pelo estabelecimento de regras precisas e... democráticas. As nomeações para o Conselho Geral tinham algo realmente fantasioso. Naturalmente, a Internacional representava algo novo e a forma final de tal organização ainda não havia sido descoberta. Como de costume em tais casos, a ausência de regras favoreceu o estabelecimento de um feudalismo irremovível. As últimas nomeações para o Conselho Geral ocorreram em Bruxelas (1868). Arthur Lehning observou que “durante o período de 1864 a 1872, cerca de 200 membros foram nomeados para o Conselho Geral”<sup>71</sup> – mas muito poucos foram eleitos: isto não fala exatamente a favor da organização “democrática”.

A federação do Jura escreveu uma circular às Federações da IWA na qual denunciava o funcionamento burocrático do órgão dirigente da Internacional: assinalava que nada nos estatutos permitia ao Conselho Geral assumir qualquer poder sobre as federações; afirmou que a composição do Conselho Geral tinha sido até agora decidida “em confiança” com base em listas apresentadas ao Congresso “e que continha na sua maioria nomes absolutamente desconhecidos dos delegados”. A confiança foi tão grande que “foi até deixada ao Conselho Geral a possibilidade de nomear quem quisesse; e, por esta disposição dos estatutos, a nomeação do Conselho Geral pelo Congresso tornou-se ilusória. Na verdade, o Conselho poderia,

68 “These thirteen members of the General Council, who had no mandate, formed by themselves the majority of the Conference, composed of twenty-three members James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, t. II, 3<sup>e</sup> partie, p. 194.

69 James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, Premier volume, 3<sup>e</sup> partie, CH XI, pp. 192-193.

70 *Mémoire présenté par la Fédération jurassienne*, 1<sup>re</sup> partie, p. 204.

71 Bakounine, *Œuvres*, Champ libre, II, note 231, p. 464.

posteriormente, nomear qualquer pessoal que tivesse mudado completamente a maioria...<sup>72</sup>

Não há dúvida de que se o projeto da Federação do Jura de retornar à eleição dos membros do Conselho Geral tivesse começado a ser implementado, poucos membros desta organização que haviam manobrado para excluir Bakunin e James Guillaume teriam permanecido no cargo, começando com Marx, cuja única função oficial era representar uma... federação alemã inexistente. Até o historiador bolchevique Iuri Stekloff reconhece que “não houve uma única federação nacional que se reunisse em apoio ao Conselho Geral”<sup>73</sup>. Portanto, podemos dizer que no congresso de Haia, uma “maioria” de burocratas não eleitos, não representativos e automeados tomou a decisão de excluir Bakunin e James Guillaume.

Confrontados com o projeto político de Marx, os bakuninistas pensaram ingenuamente que resolveriam em seu benefício o que consideravam um simples conflito de ideias. Além disso, às vésperas do congresso de Haia, sabiam perfeitamente que Marx e o Conselho Geral não tinham apoio entre as federações, apesar das manobras conspiratórias levadas a cabo por estas para minar os federalistas. Por exemplo, Engels tentou contar com Cafiero para lançar uma campanha para desacreditar Bakunin em Itália. Mas Engels mostrou-se tão zeloso que Cafiero, enojado, rompeu com Marx e se juntou a Bakunin.<sup>74</sup>

O Congresso de Haia de setembro de 1872 foi tão falso quanto a Conferência de Londres do ano anterior. As manobras de Marx e Engels para assegurar uma maioria no Congresso de Haia foram inacreditáveis. “A Alemanha deve ter o maior número possível de representantes”, escreveu Marx a Kugelmann, em 29 de junho de 1872, embora a Internacional esteja muito sub-representada naquele país. O Conselho Geral exerce seu direito de distribuir mandatos, o que significa que muitos delegados não representam nenhuma seção operária. Dezoito delegados são proscritos franceses que vivem em Londres, integrados ao Conselho Geral e que não representam nada. Lafargue tem três mandatos. Sorge, amigo Marx, tem dez mandatos em branco. Vaillant tinha três mandatos, incluindo um de uma seção suíça a favor de Bakunin, que obteve através de um deputado conservador...

Os delegados franceses apareceram em Haia com mandatos que ninguém sabia onde e como os obtiveram. A verificação dos mandatos era impossível. Serrailier, Secretário do Conselho Geral para a França (onde a AIT era tão proibida como era na Alemanha, mas onde, ao contrário da Alemanha, havia seções ativas), chegou a Haia com os bolsos cheios de mandatos. Seis delegados franceses eram conhecidos apenas por seu pseudônimo, sem qualquer indicação da cidade de onde receberam

<sup>72</sup> James Guillaume, *Mémoire présenté par la Fédération jurassienne*, p. 230.

<sup>73</sup> G.M. Stekloff, *History of the First International*, London Martin Lawrence limited, p. 271. See: <https://www.marxists.org/archive/steklov/history-first-international/ch14.htm>.

<sup>74</sup> See: Wolfgang Eckhardt, *First Socialist Schism: Bakunin vs. Marx in the International Working Men's Association*, PM Press, p. 121 sq.

os seus mandatos. O único que anunciou uma cidade – Rouen – foi logo rejeitado pela federação de Rouen porque ele tinha votado com o Conselho Geral embora tivesse o mandato com o imperativo de votar a favor dos federalistas.

Os internacionalistas de Bordéus perceberam que seu delegado, a quem foi dado o mandato com o imperativo de votar com os federalistas, havia votado com o Conselho Geral. Dois outros delegados franceses, Swam e Walter – pseudônimos – foram detidos pouco depois e levados a julgamento, um em Toulouse e outro em Paris. Soube-se que Swam, agente do Conselho Geral em Toulouse, era um delator; quanto a Walter, agente do Conselho Geral em Paris, arrependeu-se e jurou tornar-se um oponente feroz da Internacional<sup>75</sup>. Terminado o Congresso de Haia, o Conselho Federal Inglês percebeu que o delegado que o representava não era sequer membro da Internacional!

A Alemanha não tinha nenhuma seção da Internacional, mas apenas uns poucos membros individuais. Como resultado, não pôde enviar delegados regulares para o Congresso. No entanto, para fortalecer a posição de Marx, nove alemães foram apresentados como delegados de seções inexistentes da AIT. Para poder votar na convenção, as seções deveriam ter pago suas cotas. No entanto, Bebel tinha escrito no *Volkstaat* de 16 de março de 1872, que os internacionalistas alemães nunca tinham pago contribuições para Londres<sup>76</sup>!

A super representação dos alemães no Conselho Geral e no Congresso de Haia foi apenas o resultado da manipulação de Marx. Quatro meses antes do Congresso de Haia, que deveria ratificar a exclusão de Bakunin e James Guillaume, Engels escreveu para Liebknecht uma carta em pânico: quantos cartões você distribuiu, ele perguntou: “Preciso pedir que nos diga como a Internacional se posiciona em relação a você: aproximadamente quantos cartões foram distribuídos em quantos lugares, e quais lugares estão envolvidos? Os 208 calculados pelo Fink certamente não são todos!”<sup>77</sup>:

“A coisa se torna séria, e precisamos saber onde estamos, caso contrário, você nos forçaria a agir por conta própria, considerando que o Partido Social-Democrata do Trabalho é estrangeiro para a Internacional e se comporta em relação a ela como uma organização neutra.”<sup>78</sup>.

É difícil expressar com mais clareza a falta de interesse dos social-democratas alemães em relação à AIT. Em comparação, a federação espanhola tinha 40.000 membros e as seções francesas representavam várias dezenas de milhares de membros na véspera da Comuna<sup>79</sup>. O Congresso vota poderes plenos ao Conselho

<sup>75</sup> James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, vol. I, t. 2, p. 326.

<sup>76</sup> *Idem*.

<sup>77</sup> Carta de Engels a W. Liebknecht, 22 de maio de 1872: Marx & Engels Collected Works, Volume 44, p. 376.

<sup>78</sup> Carta de Engels a Wilhelm Liebknecht, 22 de junho de 1871.

<sup>79</sup> É difícil determinar o número de membros da AIT na França devido à falta de estatísticas centralizadas – algumas fontes, com pouca credibilidade, estimam o número em 300.000. Além disso, é preciso ter em mente que esses números variam consideravelmente, dependendo dos altos e baixos da luta social. Podemos ter uma ideia aproximada somando os números anunciados pelas várias seções: no entanto, os números a seguir não representam todas as seções francesas da AIT:

Geral para suspender seções, ramos, federações. Marx justifica que é necessário se proteger de agentes provocadores que poderiam criar seções, federações: mas com esse argumento, cada seção que é criada é suspeita! A outra decisão importante do Congresso é a votação da Resolução IX, que passará a ser o artigo 7a dos Estatutos, sobre a constituição da classe trabalhadora como partido político. Finalmente, dos três ativistas cuja exclusão tinha sido proposta: Bakunin, James Guillaume e Adhémarr Schwitzguébel, apenas o último escapou à excomunhão.

Quando Engels tenta avaliar quem apoiará o Conselho Geral no Congresso de Haia, chega a conclusões decepcionantes:

- “Fora de Turim, os italianos não enviarão nada além de amigos de Bakunin”<sup>80</sup> (“Na Itália, o grupo marxista era extremamente fraco”, diz Stekloff);<sup>81</sup>

- “Os espanhóis serão divididos, embora ainda não seja possível dizer em que proporções”.<sup>82</sup> Isso é um eufemismo. Os espanhóis foram realmente “divididos” entre uma pequena federação fracionista e extremamente minoritária constituída pela Lafargue, que foi enviado pelo Conselho Geral para Espanha para quebrar a legítima federação de dezenas de milhares de trabalhadores, que se formou após a passagem de Fanelli, em nome da Aliança. As atividades conspiratórias de Lafargue tinha falhado totalmente, mas o punhado de membros que tinha conseguido reunir recebeu o estatuto de federação com direito a votar a expulsão de Bakunin e James Guillaume da Internacional. A Nova Federação de Madrid, fundada com a participação ativa de Lafargue, não conseguiu libertar a maioria dos internacionalistas espanhóis da influência bakuninista.”<sup>83</sup>

- “A Alemanha estará representada de forma fraca, como de costume...”;<sup>84</sup>
- Inglaterra: “...o mesmo se aplica à Inglaterra”<sup>85</sup>
- “Para a França, haverá apenas alguns refugiados de lá e talvez alguns daqui”;<sup>86</sup>
- “Os belgas são altamente inconfiáveis, de modo que muito grandes esforços terão de ser feitos para garantir uma maioria *respeitável*.” (Itálico de Engels.)<sup>87</sup> “Por

---

Rouen 3.000

Lyon 10-20.000

Troyes 2.000

Le Creusot 2.000

Paris (Bronziers 3.000; mecânicos 3/6.000)

Marseille 4.000

Fonte: *Les sections françaises de l'Association internationale des travailleurs. Rapport français pour le colloque de 1964 : La Première Internationale.* <http://commune1871-rougerie.fr/les-sections-francaises-de%2Cfr%2C8%2C71.html>

80 Marx Engels Collected Works, vol. 44, p. 373

81 Iouri Stekloff [Iuri Stekloff], *M.A. Bakouine, sa vie et son activité*, Moscou, 1927, t. IV, première partie, ch. III, 1, La tentative de Lyon. – Citado por Fernand Rude, in *De la Guerre à la Commune*, éditions Anthropos p. 373.

82 Marx Engels Collected Works, vol. 44, p. 373.

83 G.M. Stekloff, op. cit. p. 273.

84 MECW, vol. 44, p. 373, Engels a J.P. Becker, 9 de Maio de 1872 (SW p. 373)

85 MECW, vol. 44, p. 373

86 MECW, vol. 44, p. 373

87 MECW, vol. 44, p. 373

alguns anos, os belgas mantiveram relações estreitas com os bakuninistas”, diz Stekloff<sup>88</sup>.

- Holanda : Engels não menciona a Holanda em sua carta a Liebknecht, mas isto é o que Stekloff diz: “Na Holanda, igualmente, as esperanças de Engels de uma clivagem entre os internacionalistas holandeses e os bakuninistas não se realizaram” (*op. cit.*, p. 273).

- Portugal : “Embora, graças à influência de Lafargue, Portugal tenha permanecido fiel ao Conselho Geral, o movimento dificilmente poderia ser dito que existia lá.” (Stekloff, *op. cit.*, p. 273.) Na verdade, houve um grupo socialista em Portugal por volta dos anos 1860-1870, que esteve maioritariamente sob influência de Proudhon, tendo relações com os refugiados espanhóis que eram membros da AIT em Lisboa em 1871: Mora, Morago e Lorenzo.<sup>89</sup> Anselmo Lorenzo fala disso nas suas memórias. Eles criaram uma secção portuguesa que teve alguma importância, especialmente em Lisboa. Isto não se encaixa com o que Engels e Stekloff dizem. Além disso, o que Stekloff diz não é muito consistente com o fato de que foi formada em 1911 uma confederação anarco-sindicalista, a CGT, que era a mais importante do país e que declarou 150.000 membros quando se juntou à AIT de Berlim em 1922.

- Áustria : “O movimento operário na Áustria foi dividido. Liderada por Scheu, a secção bakuninista se levantou contra a liderança do Oberwind moderado e oportunista. O Conselho Geral não tinha nada de útil para esperar, portanto, da Áustria.” (Stekloff, *op. cit.*, p. 274.)

- Dinamarca: “indiferença mostrada em relação à Internacional” (Stekloff);

- “Quanto à Alemanha, onde o movimento poderia ter servido de base para a Internacional, havia neste momento uma luta tão feroz em curso entre os Lassallistas (Suíços alemães) e os Marxistas (Eisenachers) que qualquer esperança de realizar trabalho útil foi completamente destruída. (...) Quanto aos Eisenach, embora fossem aliados e apoiantes naturais da velha Internacional, eles não deram atenção à Associação, mostrando-lhe a maior indiferença.” (Stekloff, *op. cit.*, p. 274.)

Então, se nós resumirmos: o que é esta “grande maioria” da AIT que apoia Marx e Engels? Itália : “amigos de Bakunin”; Espanha : uma pequena minoria faccional manipulada por Lafargue ; Alemanha : quase nada “como de costume”; França : “alguns refugiados”; Bélgica : nada. Holanda: nada; Portugal: “o movimento dificilmente poderia ser dito existir”; Dinamarca: “indiferença” (Stekloff); Inglaterra: “fracamente representada”; Áustria: nada. Não estou inventando nada: Engels e Stekloff dizem isso.

---

<sup>88</sup> G.M. Stekloff, *op. cit.* p. 273.

<sup>89</sup> Carlos da Fonseca, *A origem da 1ª Internacional em Lisboa*, Editorial Estampa, 1973.

Quando as federações membro da AIT perceberam a manipulação a que haviam sido submetidas, rejeitaram as decisões deste Congresso fraudulento:

- a Federação do Jura, 15 de setembro de 1872;
- os delegados das seções francesas em outubro;
- a Federação Italiana em dezembro, bem como a Federação Belga;
- a Federação Espanhola em janeiro de 1873, bem como as Federações Holandesa e Inglesa.

Como resultado dessas rejeições das decisões de Haia, as federações que protestavam foram simplesmente excluídas da Internacional. Em outras palavras, Marx e Engels excluíram da Internacional quase todo o movimento operário organizado da época! Certamente, nem todas as federações eram “bakuninistas” e a rejeição das práticas de Marx não constituiu um ato de adesão ao ponto de vista “anarquista”. No entanto, esta rejeição expressa claramente que a unidade internacional do movimento operário só foi possível a partir de uma solidariedade concreta, como propôs Bakunin e que a “poderosa centralização de todas os poderes nas mãos do Conselho Geral” resultou na dissolução de fato da AIT<sup>90</sup>.

No caso da Internacional, esta não foi uma burocratização ligada apenas à crescente complexidade da gestão de questões atuais, mas de burocratização visando monopolizar o poder. Assim, John Hales, membro do comitê inglês da Internacional, conta as dificuldades que teve com a burocracia da organização:

“Quem não conhecia o falecido Conselho Geral não pode ter ideia de como os fatos foram distorcidos ali e como as notícias que poderiam nos ter informado foram interceptadas. Nunca houve uma conspiração secreta cuja ação tenha sido mais secreta do que a do antigo Conselho Geral”.<sup>91</sup>

Hales diz que, quando era secretário-geral deste Conselho, “nunca conseguiu obter os endereços das federações do continente”. Um dia, o Conselho Federal Inglês recebeu uma carta muito importante do Conselho Federal Espanhol; mas o signatário desta carta, Anselmo Lorenzo, um amigo próximo de Bakunin, tinha-se esquecido de dar o seu endereço na carta. John Hales conta que “o Conselho Federal Inglês então pediu ao cidadão Engels, que era na época o secretário correspondente do Conselho Geral para a Espanha, para dar-lhe o endereço do Conselho Federal Espanhol: o cidadão Engels recusou-se formalmente”. Engels fez a mesma recusa em relação ao Conselho Federal de Lisboa<sup>92</sup>. Podemos ver que a burocracia contra a qual os

<sup>90</sup> Cf. *Œuvres*, Champ libre, t. III, p. 411.

<sup>91</sup> John Hales, *Lettre au Comité fédéral de la Fédération jurassienne*, 6 novembre 1872, in: *L'internationale, documents et souvenirs*, tome II, V<sup>e</sup> partie, Éditions G. Lebovici, p. 25.

<sup>92</sup> Carta reproduzida em James Guillaume, *L'Internationale documents et souvenirs*, vol. II, p. 25.

Federalistas lutavam não era uma ficção.

## 7) O Congresso de Saint-Imier (1872) foi de fato o da criação de uma “Internacional federalista e antiautoritária”?

Após a morte de Bakunin, houve uma ruptura com os princípios que o revolucionário russo tinha desenvolvido. Segundo ele, a Internacional tinha de manter o seu carácter de organização de massas: os trabalhadores não devem aderir a ela com base numa ideia, num programa, mas na solidariedade mútua e na defesa de seus interesses materiais. O revolucionário russo acreditava que o movimento operário internacional não tinha alcançado um grau homogêneo de desenvolvimento e que seriam necessários muitos anos de debate interno para atingir essa homogeneidade. Entretanto, foi necessário incentivar esses debates e evitar a todo custo a imposição de um programa único para a Internacional – um projeto que Bakunin atribuiu a Marx. Para conseguir constituir uma organização internacional de massas lutando contra o sistema capitalista, não era necessário começar por expor grandes princípios teóricos, era necessário abordar o proletariado “não com ideias gerais e abstratas, mas com uma compreensão real de seus males reais”<sup>93</sup>.

A oposição de Bakunin à adoção de um programa único e obrigatório também se baseou no fato de que, se um programa fosse adotado, inevitavelmente levaria os apoiadores de diferentes correntes a também querer impor um programa, e então “haveria tantas Internacionais quanto diferentes programas”<sup>94</sup>: seria o deslocamento da organização. A partir desse momento, podemos distinguir duas correntes opostas dentro da Internacional antiautoritária que expressam uma ruptura com o bakuninismo.

### ***Saint-Imier: “O Ato Fundador” do Anarquismo?***

O Congresso de Saint-Imier é, por vezes, apresentado como o “ato fundador” do anarquismo. É verdade que, após a exclusão de Bakunin e James Guillaume da Internacional, no Congresso de Haia em setembro de 1872, e depois da exclusão da Federação do Jura, as outras federações da AIT rejeitaram estas exclusões. Marx encontrou-se totalmente isolado. O Congresso Internacional de Saint-Imier foi, de certo modo, a manifestação deste desacordo; mas nem todas as federações que contestavam as decisões de Haia o fizeram de acordo com as posições da Federação do Jura: algumas delas eram abertamente a favor da conquista do poder através de eleições. O Congresso Internacional de Saint-Imier não foi convocado com base na

<sup>93</sup> Bakunin, *Protestation de l'Alliance*.

<sup>94</sup> Bakunin, *L'Empire knouto-germanique*.

adesão aos princípios “anarquistas”, mas no princípio de que cada federação tinha a possibilidade de escolher seu próprio caminho para a emancipação dos trabalhadores, *incluindo o caminho eleitoral*. Não existe nenhuma ambiguidade sobre este ponto. Ao contrário do que muitas vezes se diz, o Congresso Internacional de Saint-Imier não foi, portanto, o “ato de fundação” do anarquismo.

Certamente, havia militantes na Federação do Jura que defendiam posições “anarquistas”, opostas à estratégia parlamentar. Mas a AIT “antiautoritária” não era anarquista; era “antiautoritária” precisamente porque não tinha um programa obrigatório e porque as federações que tinham feito diferentes escolhas, *inclusive parlamentares*, mas que concordavam com a exigência de solidariedade internacional dos trabalhadores, podiam coexistir. Esta autonomia das federações era totalmente inaceitável para Marx.

No entanto, após o congresso de Saint-Imier, a corrente anarquista (sem aspas) tentará questionar esses princípios. O Congresso de Verviers (Bélgica), realizado em 1877, finalmente impôs à AIT um programa único, o programa anarquista, ou seja, conseguiu o que Bakunin havia tentado evitar a todo custo. O congresso fará literalmente o que Bakunin e seus companheiros acusaram Marx de querer fazer, e transformará o que restava da AIT em uma organização “autoritária”, com um programa único. Foi depois deste congresso que a Federação Belga, que sempre esteve muito próxima de Bakunin, abandonou a AIT. Como resultado, a AIT desapareceu, restou apenas a Federação do Jura, que se transformou em um grupo de afinidade anarquista e terminou sua existência com menos de 400 membros. E em 1878, a Federação do Jura, a quem foi confiada esta tarefa, decidiu não convocar mais congressos internacionais. Pode-se dizer que a AIT “antiautoritária” tinha literalmente evaporada.

A análise das causas do desaparecimento da Internacional “antiautoritária” ainda não foi feita.

Para os líderes social-democratas, o termo “anarquista” referia-se a qualquer militante que se opusesse à estratégia parlamentar e que fosse a favor da greve geral. Isto incluiu, portanto, àquela altura, os socialistas e sindicalistas que, embora não anarquistas, compartilhavam das opiniões sobre a ação parlamentar e a greve geral.

Neste período, que poderia ser descrito como “transitório”, as práticas ainda não estavam estabelecidas: muitos ativistas socialistas tinham experimentado a ação parlamentar, mas não estavam convencidos de sua eficácia; outros defendiam a ação parlamentar como um método entre outros, mas não excluía boicotes eleitorais e greves gerais, dependendo das circunstâncias. Este foi um período durante o qual não houve separação impermeável entre anarquismo e socialismo.

## **O Legado de Bakunin e a AIT**

Durante os vinte anos que precederam a Primeira Guerra Mundial, o movimento operário francês foi confrontado com a questão da herança da Primeira Internacional e de Bakunin. Houve uma quebra de continuidade correspondente a uma geração. Este período contribuiu para a erosão e distorção da história e da memória.

O período a que aqui me refiro é o intervalo durante o qual o movimento sindicalista revolucionário e o movimento anarquista tentaram, na França, recuperar o legado de Bakunin. James Guillaume, agora a vivendo na França, desempenhou um papel decisivo nesta reapropriação. Os anarquistas redescobriram Bakunin graças a um texto publicado em 1869 no *L'Égalité* de Genebra, "La Politique de l'Internationale" [A Política da Internacional], do qual foram publicados grandes excertos em 1907 em *Les Temps Nouveaux* e em *Il Risveglio*<sup>95</sup>. Este texto de Bakunin, que é até certo ponto seu testamento político, forneceu uma oportunidade para debates, primeiro, e depois para polêmicas que durariam até a declaração de guerra. Sob o pseudônimo de Isidine, Marie Goldsmith sublinha "a identidade das ideias sindicalistas com ideias anarquistas". E acrescenta: "Bakunin, em seu artigo 'A Política da Internacional', define o curso de ação que ele gostaria de ver o movimento operário seguir, em tais termos que o atual movimento sindical parece ser a realização exata de seu programa"<sup>96</sup>.

Dentro das correntes que emergiram da Associação Internacional de Trabalhadores Antiautoritária e da Federação do Jura, muitos ativistas tomaram como certo que o anarquismo era produto da AIT e que o sindicalismo era produto do anarquismo. Amédée Dunois, por exemplo, afirmou, em julho de 1907, que o anarquismo sindicalista<sup>97</sup> "parecia um filho com relação ao coletivismo da Internacional" e que "veio na linha direta de Bakunin"<sup>98</sup>. De fato, no início, sindicalistas revolucionários e anarquistas concordaram que Bakunin era um precursor do sindicalismo revolucionário: o sindicalismo revolucionário era a forma em ação do anarquismo.

Num artigo publicado em 1976, "Bakunin entre o Sindicalismo Revolucionário e o Anarquismo", Maurizio Antonioli<sup>99</sup> mostra o papel decisivo que James Guillaume desempenhou nesta reapropriação da herança pelas duas correntes: há então, diz ele, "uma continuidade política ideal entre Bakunin e o sindicalismo". Mas, muito rapidamente, aparecerão objeções. As duas correntes evoluíram de uma forma que as levará a se confrontarem. O sindicalismo revolucionário se viu confrontado com o que Maurizio Antonioli chama de "lógica de absorção", assumindo tanto a função de

95 Cf. [http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/politique\\_de\\_l\\_internationale.pdf](http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/politique_de_l_internationale.pdf).

96 "Le syndicalisme révolutionnaire et les Partis politiques en Russie", publicado no *Les Temps Nouveaux* em julho de 1907.

97 O termo "anarcossindicalismo" só surgiu após a revolução russa e só se impôs na década de 1930.

98 *Congrès anarchiste tenu à Amsterdam, Août 1907*, Paris, La Publication sociale, 1908, p. 65.

99 Tradução francesa por edições Noir & Rouge, 2014.

organização de massas como a de organização específica. Alguns anarquistas acusam-no de ter inspirações “imperialistas”, para usar a expressão de Marc Pierrot; os anarquistas criticarão o sindicalismo revolucionário por não deixar espaço para uma organização baseada num “ideal”, isto é, uma organização política, “específica”.

No entanto, não devemos ver as coisas na forma de uma oposição entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo. Muitos militantes responderam ao “Apelo aos Anarquistas” de Fernand Pelloutier (1899), mas muitos deles tinham antecipado este apelo e se tinham envolvido com grande dedicação e zelo na atividade sindical, muitas vezes muito antes. Quando apareceram as críticas anarquistas ao sindicalismo, a CGT já tinha recuperado um máximo de militantes anarquistas operários: as críticas vieram em grande parte dos anarquistas que permaneceram nas margens, para quem a ação estritamente anarquista era a única em que eles podiam se envolver, porque em geral não podiam se sindicalizar de qualquer maneira, por causa da sua atividade: são eles que vão dizer que a atividade sindical de protesto era inútil.

Não devemos negligenciar esta corrente do anarquismo que considerava indispensável trabalhar dentro dos sindicatos, mas que não se autodenominava sindicalista revolucionária.

Iniciou-se um debate sobre a questão do “automatismo”, uma ideia erroneamente atribuída a Bakunin, segundo a qual haveria um determinismo inevitável que levaria o trabalhador envolvido na luta diária por reivindicações a adquirir uma consciência revolucionária. Mas não foi isso que Bakunin disse: o revolucionário russo diz que o ponto de partida da ação revolucionária consiste em levar em conta os interesses imediatos, os problemas diários do trabalhador (a “compreensão real de seus verdadeiros males”); ele não diz que levar em conta os problemas reais leva *inevitavelmente* à consciência revolucionária. Esta é uma condição necessária, mas não suficiente.

### ***Duas Estruturas Federadas***

Na visão de Bakunin, a Internacional era constituída por duas estruturas federadas: uma estrutura “vertical” constituída por “seções profissionais” (o equivalente aos sindicatos) e uma estrutura geográfica ou interprofissional constituída por “seções centrais” (o equivalente às bolsas de trabalho, ou, na Itália, às Camere del Lavoro). As seções profissionais eram responsáveis pela luta diária no local de trabalho. Era aí que os trabalhadores eram mais diretamente confrontados com os patrões e que, através da luta diária e da prática da solidariedade, tomavam consciência da oposição radical entre Capital e Trabalho.

Na concepção bakuniniana da organização, as “seções centrais” não representam nenhuma indústria em particular “uma vez que os trabalhadores mais avançados de

todas as indústrias de uma localidade estão ali reunidos”. São, de certo modo, as bolsas de trabalho (Bourses du travail, em francês), isto é, as estruturas interprofissionais, que representam a própria ideia da Internacional. Sua missão é desenvolver essa ideia e fazer propaganda: a emancipação não só dos trabalhadores dessa indústria ou desse país, mas de todos os países. São centros ativos onde “a nova fé é preservada, concentrada, desenvolvida e explicada”. Você não entra como um trabalhador especial em uma determinada profissão, mas como um trabalhador em geral.

O papel da seção central é, pois, eminentemente político. Estabelecido na localidade em uma base geográfica, reúne os trabalhadores independentemente da profissão, a fim de dar aos setores de atividade uma visão e perspectivas que vão além dos limites estreitos da empresa. Em primeiro lugar, permite que todos os trabalhadores de uma localidade sejam informados das respectivas situações e, se necessário, organizem formas de apoio em caso de necessidade.

Bakunin aponta uma correspondência entre esses dois processos, entre essas duas instâncias organizacionais federadas entre si, e é sua síntese que constitui a organização de classe nas formas que lhe permitirão constituir um substituto para a organização estatal. Para aqueles que pensam que uma vez cumprida sua missão – a criação de uma organização poderosa – as seções centrais deveriam se dissolver, deixando apenas as seções profissionais, Bakunin declara que isso seria um erro grave, porque a tarefa da AIT “não é apenas econômica ou simplesmente material, é ao mesmo tempo e *na mesma medida eminentemente política*”<sup>100</sup>. (*Sublinho*).

Em outras palavras, Bakunin não limita a organização de massas dos trabalhadores a uma simples função de luta econômica: ao retirar da AIT seus setores centrais, se retiraria da organização o lugar onde se pode realizar a elaboração política, uma reflexão indispensável dos trabalhadores sobre os objetivos de sua ação. Isto responde a Marx e Engels, que acusaram Bakunin de não querer “fazer política”. Ao contrário de Marx e Engels, Bakunin simplesmente não se envolveu na política *parlamentar*.

Inicialmente unindo os trabalhadores em função de seus interesses imediatos, a organização de classe é também o lugar onde se desenvolve e implementa a política que conduzirá à sua emancipação. Está amplamente estabelecido que quando uma burocracia sindical, ou um partido político, pretendem reforçar o seu controle sobre a organização sindical, faz-se um esforço determinado para liquidar ou reduzir o papel das estruturas horizontais, interprofissionais<sup>101</sup>.

---

<sup>100</sup> Bakunin, *Protestation de l'Alliance*.

<sup>101</sup> Cf. “A propos de l'Alliance syndicaliste”, p. 34, e segs.

[http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/Alliance\\_syndicaliste\\_A5.pdf](http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/Alliance_syndicaliste_A5.pdf)

A importância dada por Bakunin às seções centrais em sua teoria de organização parece ter escapado a muitos anarquistas: elas são corpos eminentemente políticos. O debate entre “automatismo” (os trabalhadores só chegam à consciência revolucionária através da experiência das lutas) e “ideal” (os trabalhadores precisam de intervenção política externa para desenvolver a atividade revolucionária), seria para Bakunin o grande exemplo de um falso debate. Note-se que a estrutura dual da Internacional descrita por Bakunin – vertical e horizontal – ainda corresponde, pelo menos formalmente, à estrutura da CGT de hoje com os seus sindicatos e federações industriais, por um lado, e as suas estruturas locais, regionais etc., por outro. Naturalmente, a CGT francesa tem hoje pouco a ver com a CGT do período sindicalista revolucionário.

### **8) O que teria acontecido com a AIT depois de 1877?**

Após o fim da chamada AIT “antiautoritária” em 1877 até o surgimento do sindicalismo revolucionário no início da década de 1890, houve um período de confusão para a classe trabalhadora e para o movimento anarquista. A repressão implacável da Comuna de Paris havia deixado marcas profundas na classe trabalhadora. Como os militantes que reivindicaram o legado da AIT antiautoritária se viram, de certa forma, “órfãos” do cenário internacional, eles participaram dos congressos socialistas internacionais organizados pela social-democracia. Sua participação não foi um problema para as bases dos socialistas militantes, mas a liderança social-democrata fez de tudo para excluí-los. Foi somente em 1896 que eles conseguiram. Em outras palavras, houve um período de quase vinte anos durante o qual socialistas e “anarquistas” coexistiram, um período durante o qual o “anarquismo” foi simplesmente considerado como uma vertente legítima do socialismo. Coloquei o anarquismo entre aspas porque, para os líderes social-democratas, qualquer militante que se declarasse a favor da greve geral (mesmo que não fosse anarquista) era considerado um “anarquista”. Foi assim que Rosa Luxemburgo passou a ser descrita como anarquista, o que a desagradou enormemente, pois ela odiava os anarquistas.

Durante esse período, não houve uma divisão irreparável entre anarquistas e socialistas, na medida em que muitos militantes socialistas consideravam a greve geral um meio como qualquer outro, sem descartar o uso do sufrágio universal. Durante esse período, os trabalhadores anarquistas militantes estavam envolvidos nas bolsas de trabalho, órgãos criados na década de 1880 para reunir os trabalhadores em um distrito ou localidade, independentemente de sua ocupação, e que coletavam informações sobre empregos, ofereciam cursos profissionalizantes e

um certo número de serviços, como assistência. Isso correspondia perfeitamente às “seções centrais” de que falava Bakunin.

Os anarquistas constituíram uma parte importante, mas não exclusiva, dos aderentes da corrente sindicalista revolucionária da CGT. De fato, alguns anarquistas não aprovaram o investimento no sindicalismo, e a imprensa anarquista da época dá muitos exemplos de militantes que protestaram contra a ideia de que “o sindicato é suficiente para tudo”: no entanto, não há nada em Bakunin que possa justificar este ponto de vista. Pelo contrário: qualquer que seja o nível de exigência que se possa impor a uma organização de massa como a AIT, ele pensou que havia limites para o que se podia exigir dela, limites ligados precisamente à sua heterogeneidade: não se pode pedir a uma instituição mais do que ela pode dar, do contrário ela é desmoralizada: “A Internacional, em pouco tempo, produziu grandes resultados. Organizou, e organizará cada dia de forma ainda mais formidável, o proletariado para a luta econômica”, mas não será possível “usá-la como instrumento para a luta política”<sup>102</sup>. A obra da Internacional é eminentemente política, mas a organização não deve ser usada como um instrumento nas mãos de um partido.

É, portanto, claro que a AIT – em outras palavras, a organização sindical – não pode “ser suficiente para tudo”. Deve haver mais alguma coisa. Os ativistas que lamentavam que o desenvolvimento da organização sindical prejudicou a organização anarquista específica (o que Maurizio Antonioli chama de “absorção de energias pelo movimento sindical”), poderiam ter se inspirado no modelo da “Aliança” Bakuniniana (Aliança Internacional da Democracia Socialista).

A Aliança de Bakunin e seus amigos tinha a função de reunir quadros revolucionários e coordenar sua propaganda e atividade organizacional. A atividade desta Aliança obcecou Marx e tornou-o completamente paranoico. A Aliança dissolveu-se como uma sociedade secreta para se tornar uma seção regular da Internacional. Talvez sua maior glória seja a criação da seção regional espanhola da AIT. Em novembro de 1868, Giuseppe Fanelli chegou à Espanha para difundir as ideias da Internacional. Em junho de 1870, realizou-se em Barcelona um congresso com delegados representando quarenta mil trabalhadores, no qual se formou a Federação Regional de Trabalhadores da Espanha.

Examinando-a, podemos determinar as funções que este grupo assumiu: propaganda, desenvolvimento da Internacional; encorajar os trabalhadores a se organizarem; agir para garantir a independência da organização em relação às manobras de recuperação política. Ao contrário do que alguns anarquistas acreditam, a Aliança não era, portanto, uma “federação anarquista-comunista” *avant la lettre*, nem um grupo anarquista específico tal como o entendemos hoje: era um grupo coerente, que atuava de forma concertada dentro da organização de massas. Era

---

<sup>102</sup> Bakounine, *Écrit contre Marx*.

literalmente uma fração dentro da organização de massas. Não uma fração destinada a assumir o controle da organização em benefício de uma organização de fora da classe trabalhadora, como ordenado mais tarde pela Internacional Comunista, mas uma fração anarquista cuja função era garantir a autonomia da organização de massas, para garantir que as decisões não fossem tomadas fora da organização. Deve-se notar que, na época, o socialismo marxista se limitava a preconizar o uso da ação parlamentar.

O problema da constituição da minoria revolucionária e seu papel tinha, portanto, surgido já no período da AIT e será recolocado no início do século XX: deve-se selecionar dentro da união, como queria James Guillaume, ou fora, como queria Malatesta? Penso que, mais uma vez, Bakunin teria visto isto como um falso problema.

Não há dúvida, porém, de que Bakunin teria condenado veementemente dois tipos de atitudes:

- Ele nunca teria admitido que estas minorias revolucionárias simplesmente instrumentalizassem o movimento de massas em benefício de suas ideias, o que Malatesta expressa dizendo que “queremos fazer propaganda e aproveitar o movimento operário em benefício de nossa causa”<sup>103</sup>, ou Jacques Mesnil exigindo “permanecer completamente anarquista, nos sindicatos como em outros lugares”<sup>104</sup>;
- Ele teria condenado a atitude daqueles que se recusam a se envolver fortemente no movimento de massas, uma atitude que Libero Merlino expressa ao reprovar os anarquistas por “se lançarem de cabeça no movimento sindical”<sup>105</sup> – uma formulação que sugere claramente a total exterioridade dos anarquistas em relação ao movimento de massas.

Na verdade, Marc Pierrot era médico, Jacques Mesnil jornalista e Libero Merlino advogado. A questão do papel dos intelectuais, para Bakunin, não surge em termos de direção, como será o caso de Lenine, mas de *colaboração*. O revolucionário russo é totalmente desprovido de ilusões e complacência tanto para com os socialistas burgueses, que ele chama de “exploradores do socialismo”, como para com os operários burgueses.

### ***O fim da Internacional***

Após o congresso de Saint-Imier, surgiram tensões dentro da própria Internacional Antiautoritária, que até então havia sido ofuscada pelo conflito com o Conselho

<sup>103</sup> E. Malatesta, “Ancora tra Guillaume e Malatesta”, *Volontà*, 21 de março de 1914.

<sup>104</sup> J. Mesnil, “l’Esprit révolutionnaire”, *Les Temps Nouveaux*, 13 de março de 1909.

<sup>105</sup> L. Merlino, “Esperimento sindacalista”, *Volontà*, 22 de junho de 1913.

Geral. Essas tensões eram entre duas correntes que haviam surgido dentro da Internacional Antiautoritária, mas cuja presença havia sido um pouco obscurecida. Assim, escrevi em *La Fin de la Première Internationale* (O fim da Primeira internacional):

“O movimento libertário não examinou ou estudou realmente, ao que parece, essas tensões que surgiram após o Sexto Congresso da Internacional, ou seja, após 1873, mas que estavam presentes antes, dentro da Internacional, entre uma corrente que poderia ser descrita como ‘revolucionária proto sindicalista’, com James Guillaume, Bakunin e a federação espanhola 1, e outra que começou a se designar explicitamente como anarquista, com homens como Pierre Brousse, Andrea Costa, mas também Malatesta, Cafiero, etc., e a federação italiana, que era a mais importante da história da Internacional, e a federação italiana, que foi criada muito recentemente (1872).”<sup>106</sup>

A corrente “anarquista” passou a dominar no Congresso de Verviers, em 1877, e fez com que a Internacional antiautoritária adotasse um programa “anarquista”, causando a saída da federação belga, transformando a AIT em uma organização de afinidade e precipitando seu colapso. Para ser justo, a corrente “anarquista” pode não ter sido, de fato, a causa do colapso da Internacional. O fato de ele ter conseguido dominar em Verviers também pode ser visto como um sintoma do declínio irremediável que atingiu a organização, que basicamente não poderia ter sido salva.

A chamada Internacional “antiautoritária” nem mesmo terminou com um congresso pronunciando seu próprio fim, o que teria sido uma forma de terminar com honras: simplesmente foi decidido não convocar outro congresso. Não parece ter havido um exame convincente do contexto e das razões para essa evaporação no ar de uma Internacional que parecia muito vigorosa em Saint-Imier em 1872. Se, muito mais tarde, após a publicação dos escritos de Bakunin por James Guillaume,<sup>107</sup> a questão da “dupla tarefa” tornou-se objeto de um debate apaixonado no movimento anarquista do início do século XX, ela não foi unanimemente aceita e uma parte significativa do movimento contestou a necessidade de lutas por reivindicações, acusando o sindicalismo de ser um fator de integração dos trabalhadores ao sistema capitalista.

Em 1877, o congresso de Verviers revogou as disposições do congresso de Saint-Imier, que havia reconhecido que cada federação poderia escolher seu próprio caminho para a emancipação (inclusive a emancipação parlamentar, razão pela qual era “antiautoritário”). A partir de então, Verviers impôs à AIT um programa único –

<sup>106</sup> René Berthier, *La Fin de la Première Internationale*, Éditions du Monde libertaire, pp. 248-249.

<sup>107</sup> Voir Maurizio Antonioli, *op. cit.*

anarquista – totalmente contrário ao projeto que Corrêa atribuía aos “anarquistas”. Ele escreveu:

“Portanto, a estratégia do anarquismo, neste momento da maturidade, baseava-se, fundamentalmente, na conformação de um movimento de massas, amplo e popular, que agregasse a maioria dos trabalhadores, sem distinções políticas ou religiosas, proporcionando as devidas condições para que realizasse esta dupla função: lutar pelas questões de curto prazo e encabeçar, ele mesmo, o processo revolucionário rumo ao socialismo.”<sup>108</sup>

Essa descrição não corresponde de forma alguma à realidade da AIT após o congresso de Verviers, antes de se dissolver no ar: era tudo menos um “movimento de massa, vasto e popular”: havia se tornado uma pequena organização de afinidade.

Não concordo que o anarquismo tenha atingido sua “maturidade” naquela época, para usar a expressão de Corrêa. Pelo contrário, acho que, se tomarmos como referência as posições de Bakunin, ele começou uma séria regressão a partir do Congresso de Verviers. E temos que concordar com o que entendemos por “anarquismo” naquela época. Se pensarmos no anarquismo de Bakunin, podemos dizer que ele havia atingido um certo grau de desenvolvimento. Se pensarmos no movimento anarquista nascente, ou seja, o movimento impulsionado acima de tudo pelos militantes da federação italiana, o mínimo que podemos dizer é que ele não tinha maturidade: era definido mais por seu insurrecionalismo, e não por sua visão sindicalista e “de massa” da ação revolucionária.

Significativamente, Malatesta, Cafiero e cerca de trinta homens lançaram uma tentativa de insurreição em Benevento, na Itália, cinco meses antes do congresso de Verviers, que não conseguiu despertar as massas e terminou miseravelmente. Seu mérito foi ter tentado sinceramente uma insurreição, não ter colocado uma bomba na esperança de galvanizar as massas.

O problema é que o congresso de Verviers, realizado em setembro de 1877, fez exatamente o oposto do que Bakunin recomendou e, acima de tudo, o oposto do que Corrêa, mas também Michael Schmidt e Lucien van der Walt, veem como anarquismo. Esse congresso liquidou a AIT como uma organização de massa e literalmente a transformou em um grupo anarquista específico. Naquele momento, a chamada Internacional “antiautoritária” não era mais do que uma sombra de seu antigo eu. É significativo o fato de que, após o congresso de Verviers, dos sete delegados da

---

<sup>108</sup> « Portanto, a estratégia do anarquismo, neste momento da maturidade, baseava-se, fundamentalmente, na conformação de um movimento de massas, amplo e popular, que agregasse a maioria dos trabalhadores, sem distinções políticas ou religiosas, proporcionando as devidas condições para que realizasse esta dupla função: lutar pelas questões de curto prazo e encabeçar, ele mesmo, o processo revolucionário rumo ao socialismo. » F. Corrêa, *op. cit.*, p. 73.

Federação do Jura, apenas dois – Guillaume e Brousse – retornaram para retomar a luta. Os outros cinco desapareceram no ar!

Mais uma vez, tenho a impressão de que o anarquismo que alguns autores anarquistas concebem em suas mentes, e a relação que esse anarquismo tem com a AIT, é uma construção mítica. A visão de uma AIT como um vasto movimento de massa reunindo a maioria dos trabalhadores sem distinção política ou religiosa correspondia bem ao projeto anarquista como Bakunin o concebeu na teoria, mas não à realidade observada após o congresso de Verviers. Naquela época, a AIT já havia deixado de ser uma organização de “massa” há muito tempo, fora da “exceção espanhola”.

Quando James Guillaume publicou as obras de Bakunin e a história da Federação do Jura a partir de 1905, muitos anarquistas descobriram, e outros redescobriram, textos que desenvolviam temas cuja aplicação concreta eles podiam ver no movimento sindical. Mas muitos dos que escreveram artigos na imprensa anarquista, maravilhados com essa analogia, não estavam na CGT. Eles a viam de fora. Naturalmente, os militantes anarquistas da CGT se beneficiaram do apoio fornecido pela memória da Federação do Jura e de Bakunin, mas logo surgiram rachaduras entre aqueles que defendiam a ação sindical e aqueles que expressavam reservas: a ilustração dessa rachadura pode ser encontrada no debate entre Monatte e Malatesta no congresso anarquista internacional em Amsterdã, em 1907. Mais tarde, militantes proeminentes se distanciaram do anarquismo, como Pierre Monatte e Amédée Dunois, que reduziram e depois cessaram sua colaboração com a imprensa do movimento anarquista. O lançamento do *La Vie ouvrière* em outubro de 1909 completou esse processo.

Os anarquistas não se deixaram enganar.

### ***A organização revolucionária***

A reflexão sobre a organização da minoria revolucionária nos tempos de Bakunin e Marx deve evitar o anacronismo de abordar a questão nos termos em que ela surgiu com a emergência do ramo radical da social-democracia – o bolchevismo – no início do século XX. Deve-se ter em mente que os debates que marcaram a ruptura do marxismo revolucionário com a Segunda Internacional ainda não haviam acontecido; deve-se também lembrar que o marxismo tal como apareceu na época era essencialmente parlamentar.

Nos anos 1860-1870, houve tentativas frustradas de formar uma organização revolucionária. Ninguém na altura encontrou uma solução aceitável. Se Bakunin oscila entre organização pública e organização secreta – as organizações operárias são ilegais na França, Itália, Espanha, Bélgica e severamente reprimidas – as organizações secretas em questão são mais redes de militantes que trocam

correspondências entre si do que uma autoridade que pretende se colocar na direção do proletariado internacional. O objetivo principal é reunir militantes ativos e determinados para formar quadros revolucionários, uma tarefa que, cronologicamente, parece natural quando se quer dar uma certa orientação a uma organização de massas.

Bakunin havia colocado o problema da organização dos revolucionários e das suas relações com as massas. Ele a colocou em oposição à estratégia política de Marx, tanto eleitoral quanto parlamentar. Os sucessores de Marx prontamente esqueceram que durante a revolução de 1848 na Alemanha havia uma organização revolucionária, a Liga dos Comunistas, que Marx havia dissolvido. Em grande medida, foi um período de tentativa e erro, e as modalidades organizacionais dos revolucionários não aparecem com as evidências e certezas que um Lênin desenvolveria mais tarde. Pode-se notar, além disso, que a essência da crítica de Lênin à social-democracia alemã, que fundou o bolchevismo, já tinha sido feita trinta anos antes por Bakunin.

No entanto, a dissolução da Liga dos Comunistas não se deveu às incertezas de Marx. No início da revolução de 1848 na Alemanha, ele e Engels estavam à procura de financiamento para a *Nova Gazeta Renana* [*Neue Rheinische Gazette*], um jornal liberal, e temiam, acima de tudo, que o *Manifesto Comunista* pudesse circular porque poderia assustar os assinantes<sup>109</sup>. Mais tarde, ele decidiu dissolver a Liga dos Comunistas, quando houve uma verdadeira agitação popular, e depois recusou-se a reativá-la.

Bakunin desenvolveu uma teoria da organização do proletariado que merece mais do que os simplismos redutivos dos seus adversários e, há que se dizer, por vezes também dos que afirmam estar na mesma corrente que ele.

A descrição que Bakunin faz da organização é uma verdadeira antecipação do que será o sindicalismo revolucionário, mais tarde o anarcossindicalismo. É uma continuação do plano de Proudhon de substituir a democracia política baseada no sufrágio universal pela democracia industrial. Esta abordagem foi compartilhada por uma fração do partido bolchevique, a Oposição Operária de Alexandra Kollontai e Chliapnikov, que foram acusados de “anarcossindicalismo”.

### ***O Congresso Anarquista de 1913***

Durante anos, parte dos anarquistas franceses criticaram a liderança sindicalista revolucionária da CGT por não fazer o suficiente, mesmo quando enfrentou uma

<sup>109</sup> Engels escreve a Marx: “Se uma única cópia do nosso programa de dezessete pontos [*inspirado no Manifesto*] fosse divulgada aqui, tudo estaria perdido para nós”. Foi nesta época que Engels expressou a Marx o seu receio de que a ascensão dos trabalhadores têxteis pudesse pôr tudo a perder: “Os trabalhadores começam a ficar um pouco agitados, de uma forma ainda muito rudimentar, mas em massa. Eles formaram imediatamente coligações. Mas isto é precisamente o que está a impedir a nossa ação [...]” (Engels a Marx, 25 de abril de 1848, *Correspondance*, Éditions sociales, t. I, p. 540-543).

formidável repressão policial e uma crescente oposição interna de reformistas. Em 1912, tinha sido organizada uma greve geral contra a guerra que se aproximava. Esta greve geral tinha, de certa forma, salvado a honra do movimento operário francês – não havia nada equivalente na Alemanha – mas tinha esgotado a organização e levado a uma terrível repressão, tanto contra os sindicalistas como contra os muitos anarquistas que nela tinham participado ativamente.

Em um artigo comentando este congresso, Francis Delaisi escreveu:

“Mas está claro que esta ‘ginástica revolucionária’<sup>110</sup> não pode ser feita continuamente. Depois de qualquer movimento global, é necessário um período de recolhimento; qualquer batalha, mesmo vitoriosa, deixa feridas no corpo que devem ser curadas, perdas que devem ser reparadas para que um esforço mais vigoroso seja retomado”<sup>111</sup>.

A exterioridade do movimento anarquista se manifesta na incapacidade de perceber a ligação (“dialética”, atrevo-me a dizer...) que pode existir entre ação de reivindicação – identificada com “reformismo” – e ação revolucionária, alguns anarquistas afirmando querer interferir apenas em atividades que levam diretamente à revolução, à exclusão de qualquer outro. É óbvio que, sob essas condições, esses anarquistas tinham pouco a fazer em organizações de massa além da “propaganda anarquista” destinada ao recrutamento – especialmente se não fossem empregados.

Uma fração do movimento anarquista anterior à Grande Guerra, portanto, não seguiu, de modo algum, aqueles dentre seus camaradas que se engajaram entusiasticamente na ação sindical. Para o advogado Libero Merlino, por exemplo, os sindicalistas são “nada mais do que reformistas revisados e corrigidos” [...] “porque não são anarquistas”. Para o Dr. Marc Pierrot, não há “diferença entre sindicalistas reformistas e revolucionários”, porque “ambos estão apenas exigindo reformas”<sup>112</sup>.

Em outras palavras, só se deve agir se a ação levar diretamente à revolução, caso contrário, espera-se... (Falta definir que ação leva “diretamente” à revolução...).

Só após o congresso anarquista, realizado em agosto de 1913 em Paris, as relações entre anarquismo e sindicalismo revolucionário puderam ser, de alguma forma, “normalizadas”. O congresso foi organizado pela Federação Comunista Anarquista, pelos grupos do *Temps nouveaux*, pelos jornais *Le Libertaire*, *Les Temps nouveaux*, *Le Réveil anarchiste ouvrier*. Estiveram presentes cerca de 130 delegados representando 60 grupos (24 de Paris e 36 das províncias). Este congresso foi marcado por um vigoroso distanciamento do individualismo. Sébastien Faure sublinhou o “abismo

---

<sup>110</sup> A expressão é de Emile Pouget.

<sup>111</sup> *Les Temps Nouveaux*, 23 de agosto de 1913.

<sup>112</sup> M. Pierrot, *La Conférence de Bertoni*, *Les Temps Nouveaux*, 11 de junho de 1910.

intransponível” que separava as concepções comunistas e individualistas – o que não o impediu de “reintroduzir” o individualismo no anarquismo quando desenvolveu, em 1928, a ideia de “síntese” entre comunismo, sindicalismo e individualismo...

O relatório feito pelo *Les Temps Nouveaux* em 23 de agosto de 1913 e os comentários que se seguem se referem longamente à questão sindical. Ele afirma “que é importante para os anarquistas se misturarem com os sindicatos, a fim de semear sentimentos revolucionários e a ideia de uma greve geral expropriatória”. Após este congresso, que finalmente viu o estabelecimento de uma certa coesão entre os anarquistas franceses, muitas conferências regionais foram realizadas. Note-se, contudo, que a Federação do Sudeste, que realizou o seu congresso em Lyon, admitiu todas as tendências – incluindo as individualistas – mas opôs-se à ação sindical...

Foi, portanto, apenas na véspera da guerra que o movimento anarquista francês conseguiu organizar-se a um nível mais ou menos nacional. Foram formadas federações regionais por todos os lados. Um congresso anarquista internacional seria realizado em Londres, em agosto de 1914. A eclosão da guerra poria um fim a estes planos de união internacional.

Alfred Rosmer afirmou que “a maioria dos anarquistas franceses estava fora da CGT”. O congresso anarquista de agosto de 1913 parecia confirmá-lo: entre os ativistas convidados a comentar este congresso, um certo F. L. escreveu no *Les Temps Nouveaux* de 23 de agosto de 1913: “Por outro lado, como é claro que, há algum tempo, a influência exercida por nossos camaradas sobre o movimento sindical diminuiu significativamente, também se tornou necessário perguntar-nos se sempre havíamos feito no sindicato o que tínhamos que fazer”.

Esta pergunta, sob a forma de um eufemismo, chegou um pouco tarde, mas ela precisa de um comentário. De fato, os relatórios policiais da época dizem-nos que os jornais do movimento anarquista “específico” estavam em dificuldades porque tinham perdido muitos leitores, que se tinham juntado em massa à CGT. Há uma maneira bastante simples de mensurar a influência anarquista na CGT: é examinar os resultados dos votos antiguerra, que ainda recebem muitos votos.

### ***A Carta de Amiens***

A influência de James Guillaume, companheiro de Bakunin, no movimento sindicalista revolucionário francês foi decisiva. No entanto, ao publicar textos de Bakunin e da Federação do Jura a partir de 1905, ele só contribuiu para *confirmar* as posições do sindicalismo revolucionário que tinha surgido na década de 1890. Ele não deve ser visto como um “fundador”. Para ele, a CGT era, sem dúvida, o continuador da AIT antiautoritária.

O movimento operário francês foi caracterizado nessa época pela sua adesão ao mito da unidade. Todos os trabalhadores tinham de estar unidos na mesma organização sindical. Sem dúvida, esse é um legado do bakuninismo, que defendia uma única organização de massas, sem um programa político definido, mas focada na solidariedade internacional e nas lutas diretas contra os patrões.

No movimento operário francês, as cisões são consideradas com grande desaprovação – o que, aliás, nunca evitou as cisões. Mas há sempre uma certa dose de má consciência entre os secessionistas: é por isso que geralmente usamos o nome da organização da qual nos separamos, e acrescentamos “unitária”... (CGT/CGT-Unitaire; Parti socialiste/Parti socialiste-Unifié etc.).

A política internacional dos bolcheviques após a revolução russa fará tábua rasa da questão da unidade. Como primeiro passo, foi recomendado retirar os trabalhadores da influência dos reformistas e incentivar as cisões. Mas esta atitude mostrará rapidamente os seus efeitos catastróficos. Quando ficou claro que a revolução mundial não estava mais na agenda e que o refluxo revolucionário era irrevogável, os líderes comunistas russos mudaram de opinião, percebendo que quanto mais membros houvesse em uma organização sindical, mais recrutas potenciais haverá para o Partido Comunista<sup>113</sup>.

No período que nos interessa – isto é, antes da Grande Guerra – havia os apoiadores de Jules Guesde, um marxista rígido e muito ortodoxo, que tinha fundado o Partido dos Trabalhadores da França. Este partido juntar-se-ia mais tarde à SFIO (secção francesa da Internacional Socialista), na qual se tornou uma corrente minoritária. Guesde estava nas posições social-democratas clássicas, encontradas em Kautsky e depois no seu aluno Lênin, sobre a divisão do trabalho entre partido e sindicato e a subordinação deste último ao primeiro. Guesde queria que a CGT se submetesse ao Partido Socialista, suscitando uma oposição vigorosa não só entre sindicalistas revolucionários, mas também entre reformistas não-partidários e muitos dos próprios socialistas.

Em contraste com a posição de Jules Guesde, havia a de Jean Jaurès, que entendeu que os sindicalistas revolucionários eram incontornáveis, que se isolar deles era isolar-se da própria classe operária, e que era necessário mostrar flexibilidade. É por isso que sua corrente do movimento socialista não era, em princípio, contrária à ideia de independência sindical... sob certas condições.

A questão foi resolvida em 1906, no famoso congresso de Amiens, onde foi aprovada uma moção que se tornaria famosa. Esta moção, que mais tarde seria chamada de “Carta de Amiens”, foi erroneamente considerada como constitutiva do

---

<sup>113</sup> Cf. René Berthier, “II<sup>e</sup> congrès de l’Internationale communiste (1920). – Les illusions des syndicalistes révolutionnaires tombent”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article462>.

sindicalismo revolucionário. Até certo ponto, ele retoma o programa bakuninista – mas não completamente:

- “desaparecimento do salário e dos patrões”;
- “reconhecimento da luta de classes, que opõe no terreno econômico os trabalhadores em revolta contra todas as formas de exploração e opressão”;
- “a coordenação dos esforços dos trabalhadores, o aumento do bem-estar dos trabalhadores através de melhorias imediatas, tais como a redução do horário de trabalho e o aumento dos salários”;
- mas, ao mesmo tempo, o sindicalismo “prepara-se para a emancipação integral, que só pode ser alcançada através da expropriação capitalista”;
- o sindicalismo “defende como meio de ação a greve geral e considera que o sindicato, hoje um grupo de resistência, será, no futuro, o grupo de produção e distribuição, a base da reorganização social”.

Estes são temas perfeitamente bakuninianos, especialmente o último: a organização da luta contra o sistema capitalista hoje é a antecipação da organização que substituirá o Estado e a organização capitalista da sociedade no futuro. Bakunin não inventou essa ideia: ela pode ser encontrada entre ativistas da Internacional, como César De Paepe, entre outros. E é particularmente significativo do pensamento de Proudhon.

A Carta de Amiens reconhece a liberdade de todo sindicalista de “participar, fora do grupo corporativo, nas formas de luta correspondentes à sua concepção filosófica ou política, limitando-se a pedir-lhe, em reciprocidade, que não introduza no sindicato as opiniões que professa fora”. As organizações confederadas não têm que “se preocupar com partidos e seitas que, fora e ao lado, podem buscar livremente a transformação social”.

Este documento foi referido, como eu disse, como o texto fundador do sindicalismo revolucionário. Isso não é verdade. É o prenúncio do declínio do sindicalismo revolucionário. Pois o importante é *o que não está no texto*.

“Nem uma palavra na Carta sobre o combate ao Estado e a denúncia daqueles que afirmam que ele pode se tornar um instrumento de libertação, nada sobre as análises a serem produzidas contra partidos políticos e ilusões parlamentares”<sup>114</sup>.

E tampouco algo sobre antimilitarismo.

---

<sup>114</sup> Jacky Toublet “L’anarchosindicalisme, l’autre socialisme”, prefácio a *La Confédération générale du travail*, de Émile Pouget, Editions CNT Région parisienne, 1997. Igualmente em: <http://monde-nouveau.net/spip.php?article25>.

Em 1906, os sindicalistas revolucionários, entre os quais muitos anarquistas, foram o elemento mais ativo e dinâmico da CGT, mas precisamente porque a adesão era aberta, outras correntes também estavam presentes: os guesdistas, que queriam subordinar a organização ao partido, e uma forte corrente socialista reformista, que não contestou a ideia de independência sindical, mas se opôs fortemente tanto aos sindicalistas revolucionários como aos guesdistas. A influência desta corrente crescia às custas dos sindicalistas revolucionários. Estes últimos ainda eram poderosos, mas as suas posições estavam em erosão porque novas federações reformistas tinham aderido à CGT, e a renovação dos mandatos foi-se tornando gradualmente desfavorável aos revolucionários.

No Congresso de Amiens, houve, portanto, uma aliança tática entre sindicalistas revolucionários e socialistas reformistas contra o guesdismo; uma aliança que resultou da combinação de (pelo menos) dois fatores: o aumento irreprimível da estratégia eleitoral que foi difícil de resistir; e o desejo dos sindicalistas revolucionários de preservar o máximo possível a unidade do movimento sindicalista em um contexto de mudança social radical. A Carta de Amiens é, obviamente, um documento de compromisso ligado ao fato de os sindicalistas revolucionários não poderem enfrentar sozinhos as tentativas de subordinar a organização sindical aos guesdistas. É também um documento que define grandes opções estratégicas – e o fato de ainda hoje ser referido, mesmo que seja para distorcer o seu espírito, não é fortuito.

E o fato de os sindicalistas revolucionários desse período terem procurado legitimidade nos textos de Bakunin também não é fortuito. Assim, René Chaughi publicou no *Les Temps Nouveaux*, pouco depois do congresso dos Amiens, um artigo intitulado “Bakunin e o Sindicalismo”, quase inteiramente constituído por citações de Bakunin retiradas da *Politique de l’Internationale*<sup>115</sup>.

O autor quer mostrar que:

“[...] o lugar dos trabalhadores não está entre os políticos nem mesmo entre os chamados socialistas; está no sindicato, onde se realiza a ‘luta solidária contra os patrões’. Bakunin era, portanto, um ‘sindicalista’, muito antes da criação do sindicalismo. Esta ideia de preponderância econômica e abstenção política era nova em 1869. O Conselho Geral da Internacional, assim como o atual estado-maior do Partido Socialista, não a compartilhou”.

---

115 R. Chaughi, “Bakounine et le syndicalisme”, *Les Temps Nouveaux*, 26 janvier 1907.

Dizer que Bakunin foi literalmente o “inventor” do sindicalismo revolucionário é obviamente falso. Para existir, o sindicalismo não precisava de Bakunin. No entanto, não há dúvida de que Bakunin foi um *precursor* do sindicalismo revolucionário<sup>116</sup>.

A Carta de Amiens não era mais do que um documento de compromisso destinado a preservar parte da herança do sindicalismo revolucionário – mas não o todo – e, acrescentaria eu, parte do legado de Bakunin e da Associação Internacional dos Trabalhadores. É o sintoma de uma regressão do sindicalismo revolucionário, que se agravará em 1908 depois da terrível repressão das greves ligadas à construção do metrô parisiense, durante a qual muitos trabalhadores foram mortos pelas tropas, e depois da gravíssima crise interna que a organização atravessará em 1909 – uma crise que favorecerá grandemente a corrente reformista.

## 9) Faz sentido pensar em algo similar à AIT nos dias de hoje? — Considerações finais

Eu não acho que possamos reconstruir algo semelhante à AIT hoje. O capitalismo da segunda metade do século XIX era um capitalismo na infância, o movimento operário estava na infância, as contradições sociais daquela época eram de uma natureza que eu qualificaria de “simplistas” em comparação com a extrema complexidade das que conhecemos hoje. No tempo da AIT as oposições de classe eram relativamente claras: havia de um lado os patrões, do outro os operários e o Estado que fazia o árbitro quando os confrontos não eram demasiado violentos ou o gendarme para proteger a burguesia. Hoje há uma grande massa da população sem consciência de classe que não quer se identificar como “proletários”, enquanto, se aplicarmos os critérios estabelecidos por Pierre Besnard em 1930, pelo menos 80% da população dos países industrializados são objetivamente proletários:

“... o trabalhador da indústria ou a terra, o artesão da cidade ou os campos – se ele trabalha com a família dele ou não – o empregado, o funcionário público, o capataz, o técnico, o professor o cientista, o escritor, o artista, que vivem exclusivamente do produto de seu trabalho pertencem à mesma classe: o proletariado.”<sup>117</sup>

Besnard acrescenta que esta observação também se aplica àqueles que não querem ser considerados proletários:

<sup>116</sup> Cf. Gaston Leval, *Bakounine fondateur du syndicalisme révolutionnaire*, <http://www.monde-nouveau.net/spip.php?article3>.

<sup>117</sup> Pierre Besnard, *Les syndicats ouvriers et la révolution sociale*, 1930..

“A compensação desigual de seu esforço, o caráter diferente de suas ocupações; a consideração dada a eles por seus empregadores em certos casos, o que às vezes resulta de suas próprias funções; a autoridade que às vezes é delegada a eles e que eles exercem sem controle, o abuso que eles podem fazer dos últimos; a total incompreensão de seu papel exato, sua pretensão de estar fora de sua classe e de se juntar à outra classe não pode mudar sua situação social. Empregados ou não, eles vivem do produto de seu trabalho. Eles recebem de um patrono, um terço, do estado a remuneração do seu esforço. Eles são, permanecem e permanecem proletários. Todas as sutilezas, todos os artifícios da linguagem serão impotentes para mudar qualquer coisa neste estado de coisas; e, querendo ou não, todos esses trabalhadores são chamados a se unirem, porque têm interesses idênticos.”

Foi o bilionário Warren Buffet que disse um dia: “Há uma luta de classes, obviamente, mas é minha classe, a classe dos ricos que lidera a luta. E estamos a ganhar.” Estou convencido de que a maioria dos capitalistas pensa o mesmo, mas não estou certo de que eles aprovem que um deles proclame isso publicamente.

Para além do inacreditável cinismo deste propósito, o que este homem diz exprime não só a esmagadora vitória material do capital sobre o trabalho, mas também, e talvez sobretudo, a esmagadora vitória ideológica do capital. Na época de Proudhon, os operários organizavam clubes para comprar seus livros e lê-los. Dirigiam-se a ele para lhe fazer perguntas. Hoje não há equivalentes aos livros de Proudhon e já não há Proudhon: os trabalhadores têm a sua televisão cujos canais são propriedade de pessoas que, como Warren Buffet, sabem que ganharam a luta de classes.

Bakunin explica muito bem como foi possível tal situação:

“...por mais profundamente maquiavélicas que fossem as ações das minorias governantes, nenhuma minoria teria sido suficientemente poderosa para impor, apenas pela força, esses terríveis sacrifícios às massas humanas, se nessas massas, não havia nenhuma espécie de movimento vertiginoso, espontâneo, que os levasse a imolar-se em favor de uma dessas terríveis abstrações que, vampiros históricos, nunca se alimentaram senão de sangue humano.”<sup>118</sup>

Um poder, uma sociedade, não podem ser aceites sem o consenso de uma grande parte da população; a função da ideologia é obter a aceitação dos oprimidos: a ideologia é assim atribuída uma dupla tarefa:

- a depreciação da classe dominada, que deve ter por si própria uma imagem parcial, falsa, que confirma a sua condição subordinada;
- a exaltação da classe dominante a quem se deve fornecer uma boa consciência e uma justificação do seu domínio.

Esta dupla tarefa compete evidentemente a especialistas que dominam o instrumento que permite realizá-lo: a linguagem. São assim designados por Bakunin: teólogos, políticos, juristas, advogados, sacerdotes da religião jurídica, metafísicos; são estes os “representantes oficiais e oficiosos de todas estas belas abstrações” e concorrem com maior eficácia do que a força bruta para manter as massas na aceitação do seu destino.

Hoje, mais do que nunca, o controle dos aparelhos ideológicos da sociedade é um elemento essencial de qualquer estratégia para manter o sistema operacional. Mas dificilmente se pode falar de “contrarrevolução ideológica”, na medida em que o sistema capitalista é uma contrarrevolução ideológica permanente.

A arma absoluta desta contrarrevolução é provavelmente a ideia segundo a qual a noção de classes antagônicas, de luta de classes, está ultrapassada – neste ponto Warren Buffet serve de exceção no seio da classe dominante.

É uma ideia que está no ar e que é mesmo retomada por uma fracção do movimento sindical. Aqueles que defendem esta tese se baseiam no fato de que a classe operária está em plena mutação, o que é pouco contestável, de que os dados com os quais se pode definir a classe operária já não são os mesmos que há cinquenta anos, que a distinção entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo tende a esbater-se. Mas a luta de classes nunca é tão feroz como quando a burguesia conseguiu convencer a classe operária de que ela não existe mais.

A ideologia é portanto uma arma material efetiva nas mãos da classe dominante, é um instrumento indispensável à subjugação das massas: uma das suas funções é precisamente negar a própria existência do antagonismo das classes.

Não sabemos como será a revolução de amanhã, aquela que, finalmente, liberará as forças da sociedade e permitirá marchar rumo à sua emancipação. Sem dúvida, isso assumirá formas totalmente inesperadas. Não podemos nem dizer que será uma revolução no sentido de que geralmente ouvimos. Talvez seja a consequência de um desastre ecológico de uma escala nunca vista antes<sup>119</sup>. Talvez ela seja o resultado de uma sucessão de acontecimentos marcados por revoltas violentas. Talvez tenhamos uma revolução que não será obra dos “produtores”, que, diga-se de passagem, são

<sup>119</sup> Segundo Proudhon, a introdução da agricultura capitalista e intensiva contribuirá para o esgotamento do solo: na verdade, os produtos são retirados do solo, mas ele não recebe nada em troca: “Nada que a terra produz ali retornar; tudo é retirado, transportado dentro das cidades para consumo que, do ponto de vista da agricultura, pode ser considerado como não reproduzível.” O uso de fertilizantes químicos só pode “atrasar de alguns anos uma ruína inevitável.” “Quando a natureza perde o equilíbrio, arrasta as populações. » (*Manuel du spéculateur à la bourse*)

prisioneiros de grilhões sindicais e da paralisia política: eles têm pouca coerência interna e carecem até mesmo da primeira das condições definidas por Proudhon para manifestar capacidade política: a autoconsciência.<sup>120</sup>

Talvez estejamos lidando com uma revolução do consumidor cujo instrumento de luta não será a greve geral dos produtores, mas o boicote geral dos produtos. Esta pode ser a solução para mobilizar as classes médias da população, não atraídas pelo discurso habitual de trabalho, mas interessadas em qualquer coisa que possa preservar ou melhorar suas condições de vida.

Em uma carta que ele escreveu a Elisée Reclus pouco antes de morrer, Bakunin esboçou as perspectivas abertas à classe trabalhadora após o esmagamento da Comuna de Paris. “A revolução no momento está de volta ao leito”, diz ele, “nós voltamos ao período das evoluções, isto é, das revoluções subterrâneas, invisíveis e frequentemente mesmo insensíveis”.<sup>121</sup>

O revolucionário sugere claramente que um ciclo está completo, outro começa. Não é uma adesão repentina ao reformismo, é simplesmente uma observação. Reclus afirma que não há diferença de natureza entre os conceitos de evolução e revolução, apenas uma diferença no ritmo: “A ciência não vê oposição entre essas duas palavras de Evolução e Revolução, que são tão semelhantes. (...) A evolução, sinônimo de desenvolvimento gradual e contínuo de ideias e de moral, é apresentada como se fosse o oposto dessa coisa assustadora, a Revolução, que envolve mudanças mais ou menos abruptas nos fatos.”<sup>122</sup>

“Pode-se dizer que evolução e revolução são os dois atos sucessivos do mesmo fenômeno, a evolução que precedeu a revolução, e isso precedendo uma nova evolução, a mãe das futuras revoluções. Pode uma mudança ser feita sem trazer mudanças súbitas de equilíbrio na vida de alguém? Não deveria a revolução necessariamente ter sucesso na evolução, assim como o ato sucede à vontade de agir?”<sup>123</sup>

É neste sentido que Bakunin escreve em sua carta a Reclus que “a hora da revolução passou”. Estão em causa não só os “terríveis desastres a que assistimos e as terríveis derrotas a que fomos mais ou menos culpados”; mas também “o pensamento revolucionário, a esperança e a paixão [que] não fazem parte das massas”. Mas o revolucionário russo diz algo mais em sua carta, algo que é muito

<sup>120</sup> Cf. Proudhon, *Capacidade política das classes operárias* (1864). Proudhon definia as três etapas que a classe operária devia percorrer para alcançar a capacidade política: 1. Ter consciência de si mesma, do ponto de vista das suas relações com a sociedade e com o Estado e como ser colectivo distinto da classe burguesa. 2. Possuir uma «ideia», uma noção «da sua própria constituição». 3. A capacidade de «deduzir, para a organização da sociedade, conclusões práticas que lhe sejam próprias». Na época, Proudhon acreditava que a classe trabalhadora cumpria a primeira e a segunda condição, mas não a terceira (Proudhon morre no momento em que se constitui o AIT). Pode-se dizer que hoje uma grande parte da classe operária não está sequer na primeira etapa.

<sup>121</sup> Bakunin carta a Elisée Reclus, 15 de fevereiro de 1875.

<sup>122</sup> Elisée Reclus, *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchiste*, éd. Stock.

<sup>123</sup> *Ibid.*

atual: os Estados acumularam uma capacidade de reprimir a classe trabalhadora que excede em muito a capacidade da classe trabalhadora de resistir.

“Nunca antes a reação internacional da Europa foi tão formidavelmente armada contra qualquer movimento popular. Transformou a repressão em uma nova ciência ensinada sistematicamente em escolas militares a tenentes de todos os países. E para atacar esta fortaleza inexpugnável, o que temos? As massas desorganizadas.”<sup>124</sup>

A leitura de Reclus e Bakunin talvez nos leve a reconsiderar o conceito de “revolução”, não de descartá-lo, pelo contrário, mas de enriquecê-lo.

Hoje, as melhorias nas condições de vida são poucas, sabemos que, pela primeira vez desde o início da revolução industrial, as gerações mais jovens viverão menos bem, menos tempo, serão menos bem alimentadas, cuidadas, abrigadas do que a geração anterior. Evitar essa terrível regressão é um verdadeiro objetivo revolucionário, é uma revolução permanente: “A verdadeira prática revolucionária não é a insurreição temporária, mas uma revolução permanente que as sociedades e os homens estão realizando para aproveitar sua soberania.”<sup>125</sup>

A reflexão que pode ser retirada da carta de Bakunin à Élisée Reclus é que o movimento revolucionário de hoje tende a ignorar totalmente os inimagináveis meios de vigilância, controle, manipulação da população, eliminação dos desordeiros, repressão em massa. Esta observação deve nos levar a entender como será a revolução de amanhã:

1. Terá que ser uma revolução sem líderes, porque os líderes serão muito facilmente liquidados; mais precisamente uma revolução na qual o papel dos líderes será consideravelmente reduzido, porque um grande número de pessoas saberá o que fazer;
2. Será uma revolução na qual uma grande massa da população será organizada e saberá o que fazer para assumir o controle da produção e da sociedade como um todo; uma revolução na qual o poder não estará “na rua” mas nas empresas, nas localidades, no tecido social.

A preparação para tal revolução levará décadas e o movimento revolucionário deve começar a trabalhar sem demora, investindo em todas as estruturas nas quais as massas estão organizadas e ativas.

<sup>124</sup> Bakunin, carta a Élisée Reclus 15 de fevereiro de 1875.

<sup>125</sup> Jacques Toublet, “Considérations sur l’anarcho-syndicalisme” in *Anarcho-syndicalisme & anarchie* (Réponse à Murray Bookchin), ACL, p. 118

René Berthier  
maio-junho 2024